

ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

DEPUTADO ORDINARIO DA REAL MEZA CENSORIA, E OFFICIAL DE
LINGUAS DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

ANTIGUIDADE E RELIGIÃO
DAS ESTÁTUAS

PREFÁCIO E NOTAS DE

J. A. Ferreira de Almeida

ENCARREGADO DE CURSO DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

I PARTE



PORTO . 1968

ANTÓNIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

DEPUTADO ORDINARIO DA REAL MEZA CENSORIA, E OFFICIAL DE
LINGUAS DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS ESTRANGEIROS

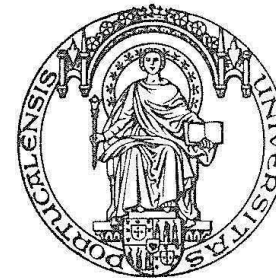
ANTIGUIDADE E RELIGIÃO DAS ESTÁTUAS

PREFÁCIO E NOTAS DE

J. A. Ferreira de Almeida

ENCARREGADO DE CURSO DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

I PARTE



PORTO . 1968

P R E F Á C I O

O P.^e António Pereira de Figueiredo (1725-1797), cuja humilde origem o não impediu de tornar-se um dos grandes eruditos portugueses do século XVIII, deixou obras numerosas e variadas; uma parte foi impressa durante a sua vida, outra ficaria inédita e encontra-se actualmente, quase toda, na Academia das Ciências (A). Religioso da Congregação do Oratório, foi um teólogo e latinista consagrado, sócio da Academia Real das Ciências desde 1779, colaborador do Marquês de Pombal na luta pela supremacia do poder real nas suas relações com a Igreja, deputado da «Real Mesa Censória» (1768), oficial maior de línguas da Secretaria do Estado dos Negócios Estrangeiros e de Guerra, etc., etc. (B). Mais conhecido pela tradução da Bíblia Sagrada, segundo a Vulgata, editada inúmeras vezes até aos nossos dias, deixou entre os inéditos a Lusitania Sacra, valioso trabalho para a história da Igreja em Portugal, e muitos opúsculos e livros teológicos. Latinista emérito, deixou na mesma várias obras para o ensino do português e do latim, como o Novo Método de Gramática Latina, (com dez edições até 1797) e algumas análises críticas relativas a temas filológicos e literários. A história religiosa e a história nacional também mereceram a sua atenção, embora fosse como erudito teólogo que a sua fama atingiu mais nível (a Tentativa Theologica... foi traduzida em várias línguas).

Ora entre as suas produções inéditas encontrava-se uma que nos atraiu a atenção, como documento de interesse para a história da cultura portuguesa do século XVIII. Intitula-se Antiguidade e Religião das Estátuas e pertence à Biblioteca Pública de Évora. Até pela raridade das nossas obras setecentistas dedicadas a matérias de arqueologia artística, se tornaria digno de publicação.

Trata-se do códice $\frac{CXI}{2-12}$ da Biblioteca Pública de Évora que, segundo a referência de Joaquim Heliodoro de Cunha Rívora e Joaquim António de Sousa Telles de Mattos, é o próprio original, retocado autor (C).

Ai traça um quadro da escultura antiga, sem qualquer prurido manifesto de apreciação estética, para a qual, decerto, lhe faltaria preparação ou capacidade. A informação foi buscá-la aos autores da Antiguidade, historiadores e eruditos (a Plínio, sobretudo) ou aos grandes trabalhos de Johann Friedrich Gronov e de Johann Geore Graevius, entre muitos, como Ezechiél Spanheim ou Josephus Justus Scaliger, sem falar do Léxico de Suídas e doutras não menos famosas compilações e produções da erudição clássica dos séculos XVI a XVIII, como acentuaremos nas anotações finais. Trabalho de erudito e não de arqueólogo; o conhecimento das obras de arte é indirecto: sabe delas apenas por descrições ou gravuras publicadas em livros e não consta que tivesse visitado museus e colecções de estátuas antigas. Mas neste campo de erudição também revela notáveis falhas: ignorou obras fundamentais publicadas a tempo de lhe servirem e largamente divulgadas (D).

Tais defeitos não impedem, porém, que o manuscrito seja um bom documento de certo tipo de erudição, exprimindo uma característica forma de cultura.

As obras desta espécie possuem muitos dados de interesse para o historiador da cultura ou de arte, assim como são índice da história do gosto ou das ideias.

Ainda há poucos meses foi publicado o livro de Félix da Costa, *Antiguidade da Arte da Pintura*, pela «Yale University Press», com introdução e notas de George Kubler (E). A importância da publicação de trabalhos desta natureza, quase todos inéditos ou hoje praticamente desconhecidos, já foi acentuada muitas vezes (F): a história da arte não se faz apenas através dos monumentos; entre nós, as colecções documentais, como as de Sousa Viterbo, ou as publicações de outros textos relativos às artes ou aos artistas, como as que empreendeu o Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida no Arquivo de Bibliografia Portuguesa, ou as que, anteriormente, foram devidas à benemérita Imprensa da Universidade de Coimbra (Subsídios para a História da Arte Portuguesa), vieram prestar inegáveis serviços aos estudiosos, reunindo uma soma de informações de permanente utilidade. Colecções como as Sources and Docu-

ments in the History of Art Series, cuja publicação decorre actualmente, dirigida pelo Prof. H. W. Janson da Universidade de Nova Iorque (G), são prova do interesse científico que estes documentos possuem.

Quanto ao texto que editamos, consta de seis capítulos, precedidos de uma dedicatória, e foi decerto redigido como uma «explicação» da estátua de D. José, «more erudito.» Há neles certo desequilíbrio e os dois últimos revelam uma acentuada precipitação, talvez imposta pela urgência de terminá-los num prazo curto: parece-nos até que o capítulo final não chegou a ser acabado. A origem e a evolução da estatutária antiga, os temas, as técnicas, os artistas, foram passados em revista, assim como a significação religiosa e política de que esteve investida. A tudo faremos o adequado comentário nas «anotações».

A extensa dedicatória é o panegírico empolado e servil do rei D. José, com bastas pinceladas de adulação ao Marquês de Pombal. Talvez por isso mesmo a obra não tivesse sido dada à estampa; a licença para a impressão é de 3 de Outubro de 1776 e o rei morreria em 24 de Fevereiro de 1777. Os ventos mudaram e os colaboradores directos do odiado ministro não encontrariam decerto um ambiente propício à publicação de tais páginas (H).

Na transcrição do manuscrito modernizámos o emprego das maiúsculas, suprimindo todas as que o A. pròdigamente usava e que não se encontram abrangidas pelas normas oficiais. A ortografia foi respeitada, com excepção de um ou outro lapso da pena; a pontuação e a acentuação só foram corrigidas quando tal se tornava absolutamente necessário, para esclarecer o sentido ou para evitar dificuldades ao leitor. As citações de autores latinos ou outros e as indicações bibliográficas, que no original se encontram incluídas no próprio texto, foram colocadas no rodapé das respectivas páginas e numeradas seguidamente; apenas se deixaram ficar as citações que fazem parte integrante do período e do qual não podem ser desligadas.

Algumas vezes as notas de pé de página completam ou emendam a passagem a que se referem.

Até onde foi possível, corrigiram-se ou completaram-se as numerosas citações: o A. procedeu algumas vezes a uma autêntica «compressão» dos textos alheios (I). Não foi pequeno trabalho o de des-

cobrir as passagens citadas, tania as omissões ou as insuficiências de informação bibliográfica. Basta comparar os títulos das obras tais como são indicadas no manuscrito e a transcrição que fizemos dos mesmos, com a fidelidade requerida em publicações desta espécie.

Os comentários e anotações críticas serão publicados na segunda parte deste trabalho, a sair no próximo número da Cale.

N O T A S

(A) V. *Catalogo das obras impressas e manuscritas de Antonio Pereira de Figueiredo*, atribuído ao académico F. M. Trigoso (Lisboa, 1800). Escreve Inocêncio Francisco da Silva: «As suas obras inéditas, e outras igualmente importantes, foram compradas pela Academia Real das Sciencias em cuja livraria se conservam autógrafas». (*Dicionário*)... I, 223-4).

(B) V. as «Anotações», da segunda parte deste trabalho. Os dados biográficos respeitantes ao P.^o António Pereira de Figueiredo já estão bem elucidados e encontram-se expostos em qualquer dos grandes dicionários enciclopédicos portugueses (*Portugal, Grande Enciclop. Port. e Brasil., etc.*)

(C) *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1870. — III vol., pág. 448: «Antiguidade e religião das estatuas, por António Pereira de Figueiredo. Cod. $\frac{CXI}{2-12}$ 1 vol. fol. Original, retocado pelo A.» É um volume encadernado em pano, com rótulo de carneira preta na face da pasta superior da encadernação, em que se lê, em caracteres dourados: ANTIGUIDADE E RELIGIÃO DAS ESTATUAS/B. P. EVORA. Contém: I-IV fls. em branco + 83 fls. manuscritas (a fl. 21 v.^o e 22, em branco) + I-IV, em branco. Dím. da fl.: 350 × 222 m/m

(D) Desconhecia, entre outras, as obras de Winckelmann, como a *História de Arte Antiga*, publicada em 1764 ou os *Monumenti Antichi Inediti* (1767-68), cujas perspectivas originaes vieram revolucionar as concepções correntes sobre a arte clássica, grega e romana. E nem se pode alegar a sua ignorância da lingua alemã, porque algumas obras de Winckelmann já haviam sido traduzidas para o francês alguns anos antes: *Lettres sur les découvertes d'Herculanum au comte de Brühl* (1762) e a *Histoire de l'art chez les anciens* «traduit par Sellius, redigé par Rolinet», Amsterdam — Paris, Saillant (1766). Também não se compreende a ignorância de alguns trabalhos franceses que lhe dariam boa cópia de informações, como os sete volumes do *Recueil d'antiquités égyptiennes, érusques, grecques, romaines et gauloises*, do conde de Caylus (2.^a edição, 1770) ou *L'antiquité expliquée et représentée en figures* de Dom Bernard de Montfaucon, obra monumental de quinze volumes *in-folio* (1719-1724), ou ainda a obra de Cochin e Bellicard, *Observations sur les antiquités d'Herculanum... avec quelques réflexions sur la peinture et la sculpture des anciens* (1757).

(E) *The Antiquity of the Art of Painting*, by Felix da Costa. Introduction and Notes by George Kubler. Translated by George Kubler, George L. Hersey, Robert F. Thompson, Nancy G. Thompson, and Catherine Wilkinson. New Haven and London, Yale University Press, 1967.

(F) *The exceptional rarity of such writings...* (Kubler, obs. cit. p. VII).

(G) Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, New Jersey. Num dos volumes já publicados, *The Art of Greece, 1400-31 B. C.*, editado pelo Prof. J. J. Pollitt da Yale University, encontram-se muitos dos textos utilizados pelo P.^o António Pereira de Figueiredo, assim com em trabalhos fundamentais como o do Prof. Rhys Carpenter: *Greek Sculpture. A critical review*. The University of Chicago Press, 1960.

(H) No ano anterior e aproveitando o ensejo oferecido pela inauguração do monumento a D. José, o P.^o António Pereira de Figueiredo publicara nada menos de três folhetos alusivos ao acto solene:

1) *O Dia das tres Inaugurações/Breve Discurso sobre a Regia Fundação do dia VI. de Junho de M.DCC.LXXV./Dirigido ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor/Conde de Oeyras,/Gentil Homem da Camara/Del Rey Nosso Senhor,/e do Serenissimo Príncipe da Beira,/e Presidente do Senado de Lisboa./ Lisboa/na Regia Officina Typografica./Anno M.DCC.LXXV./ Com Licença da Real Meza Censoria (10 pgs.). Termina por um: Epigramma/Statuae Josephi Lusitani/Cum Statuae Memnonis Aethiopicum/Comparata, (10 versos).*

2) *Parallelo de Augusto Cesar,/e de Dom José/o Magnanimo Rey de Portugal./ Seu Auth.º/A. P. F./Lisboa/Na Regia Officina Typografica./Anno MDCCLXXV./ Com Licença da Real Meza Censoria (36 pgs.).*

3) *Josephi Magnanimi/Lusitanorum Regis/Statuae Vocalis/Auctore Antonio Pereria Figueiredi/Regiae Curiae Censoriae Decenviro Ordinario/et Regis Ipsius Ab Epistulis Latinis/Olispone/Ex Typographia Regia/Anno MDCCLXXV./Cum facultate Regiae Curiae Censoriae (62 pgs.).*

(1) Entre os muitos casos desse género aponto apenas um: na nota n.º 32 vem referida uma passagem de Arnóbio, transcrita pelo P.^o Ant.^o Pereira de Figueiredo: *Lapis quidem non magnus coloris furvit atque avri, indolatus et asper, et simulacro faciem minus expressam praebens*. Ora o original é o seguinte: «*nisi lapis quidem non magnus, ferri manu hominis sine ulla impressione qui posset: coloris furvit at que angulis prominentibus inaequalis: & quem omnes hodie ipso illo videmus in signo oris positu, indolatum, & asperum, & simulacro faciem minus expressam simulatione praebentem*».

A ELREY

Senhor:

*Amore Principum constat inventam, ut Simulacris aeneis
fides serraretur Imaginis; quatenus ventura progenies
Auctorem videret, qui sibi Rempublicam multis beneficiis
obligasset (1).*

Em todas as nações foi o amor ao príncipe, o que introduziu as estatuas. Em todas as idades forão as estatuas o distintivo dos heróes. O amor não sofrendo por huma parte ver-se privado daquelle por quem vivia, e por quem se considerava feliz, e reconhecendo por outra parte, que sendo o príncipe de natureza mortal, era forçoço que elle algum dia lhe faltasse, este amor foi o que suggerio aos póvos o admiravel invento, de animar por beneficio da arte os mármoreos e os bronzes, e de perpetuar na massissa solidéz de hums e outros a memoria de humas acções, que pelo seu heroismo merecião ser eternas. Em quanto imagens do príncipe, servião as estatuas de lenitivo da saudade; em quanto imagens do seo heroismo, erão hums sensiveis a illustres argumentos, de que pela grandeza e sublimidade das acções se tinha extrahido o príncipe da commun esféra dos mortaes, e elevado sobre toda a Natureza. Na primeira consideração erão

(1) Cassiod. Lib. VIII. *Epist.* 2.

as estatuas do príncipe o idolo do amor; na segunda erão o nume para os respeitos.

A Nação Portugueza, que ama a Vossa Magestade como Pay, e que o respeita como Nume, não podia deixar de seguir nesta parte o exemplo das nações civilisadas, nem omittir huma demonstração, que longe de pugnar com a profissão do Christianismo, se conforma admiravelmente com a religião mais pura e defecada.

He hum engano cuidar, que quando os gregos e romanos celebravão com extraordinaria pompa as *apothcôses* e canonizações dos seus príncipes; quando sublimavão as suas estatuas sobre altáres e columnas; quando esculpão no remáte dos arcos triumphaes, e no plano das medalhas de ouro as suas effigies, levadas ao céu aos hombros de huma aguia; quando lhes cingião as cabeças com o brilhante circulo ou coroa de rayos; quando a elle davão o tratamento de *divos*, e ás suas couzas o de *divács*, he hum engano, digo cuidar que nestes cazos era a mente e sentido daquellas suas duas nações dar a entender, que tinham por verdadeiros *deoses* os seus príncipes, ou por divinas as suas obras. Não erão tão destituidas da razão huas nações em tudo o mais illuminadissimas, que no seo intimo se persuadissem ou quizessem persuadir, que erão verdadeiros deoses hum Alexandre, ou hum Antioeo; ou que erão omnipotentes e immortaes attributos inseparaveis da divindade real hum Augusto, ou hum Trajano, quando a hums e outros vião ceder muitas vezes à força de seus inimigos, e sempre á da inexoravel Parca.

O espirito pois daquellas honorificas e pompozas exterioridades, executadas antigamente na Grécia por hum Areopágo, donde havia sahido a legislação e policia do Oriente; executadas em Roma por hum Senado, que veio a dar leys até aos mesmos christãos, era unicamente dar a conhecer os seus príncipes, por hums homens de superior ordem, por hums homens heróes, não só pelo alto caracter da authoridade e magestade régia, com que o Supremo Ente Increáo os distinguira entre todos os mortaes; mas tãoobem e muito principalmente porque na grandeza dos benefieios confridos á Republica, magnificencia das obras com que ornarão e nobilitarão a Patria, se tinham assemilhado e approximado mais do que todos os outros homens á Divindade, de que a omnipotencia e beneficencia são caracteristicos adjunctos.

Vespasiano sentindo-se acometido da doença de que faleceo, disse com a sua natural graciosidade: segundo entendo, desta

vez me fazem Deos: *Ut puto, Deus fio* (2). Plinio Maior, de quem se não póde duvidar, que foi hum doutissimo expositor da theogonia gentilica, discorre deste modo. — «Ser Deos para hum mortal, he ajudar a esse mortal. Este he o caminho para huma gloria eterna. Por este forão os heróes romanos. Por este vai presentemente com celestiães passos o maior príncipe que virão os séculos, Vespasiano Augusto, soccorrendo rigorosamente a extenuada Republica. Este foi o modo com que desde o principio costumarão os homens mostrar-se gratos aos seus benefieitos: referil-los na classe dos numes (2a).

Que mais illustre e concludente demonstração se póde dezejar, de que a divindade que aos seus príncipes attribuião gregos e romanos; não era no seo mesmo conceito huma divindade real, mas symbolica? Não divindade verdadeira, mas similitudinaria? Ser deos era mostrar-se pay da Patria; era ser hum benefieitor universal. Ter estatuas sobre altares e columnas, era elevar-se sobre todos os mais homens pelo heroismo das emprezas e das façanhas. Remontar-se depois de morto até ás estrellas, era approximar-se aos deoses pelo que deixava feito. Ter cingida de rayos de ouro a cabeça, era destructar a gloria pósthuma que o esperava.

Este sentimento explicou Horacio, quando disse (3):

Palmaque nobilibs Terrarum Dominos ecchit ad Deos.

Esta approximação explicou Manilio, quando considerando assento proprio dos deoses os orbes celestes, collóca na Via Latea os heróes:

«Altius aetheri qua candet circulus orbis, Illa Deam sedes, haec illis proxima, divum qui virtute sua similes vestigia Tangunt».

(2) Sueton. in *Vespas.* cap. 23.

(2a) «Deus est mortali juvare mortalem, et haec ad aeternam gloriam via. Hac proceres iere Romani: hac nume coelesti passu cum liberis suis vadit maximus omnis aevi rector Vespasianus Augustus fessis rebus subveniens. Hic est vetustissimus referendi benemerentibus gratiam mos, ut tales numinibus adscribantur». *Plin. Lib. II. cap. 54.* «L'homme devient dieu pour l'homme en le secourant; ce chemin est celui de la glorie éternelle. C'est dans cette voie qu'ont marché les héros de Rome; c'est donc cette voie que d'un pas divin marche maintenant avec ses fils de plus grand souverain de tous les áges, Vespasien, dont les mains soutiennent l'empire affaissé. La plus ancienne coutume de rendre gráce á ses bienfaiteurs, c'est de les mettre au rang des dieux». (Trad. de Littré, vol. I p. 101).

(3) Horac. Lib. I. *Od.* I.

Huma e outra couza insinuou Filo Hebreo, quando por perifraxe do que os gregos chamavão *apothéose*, disse que era *consequir alguem honras heroicis, iguaes ás dos deoses olympicos*; isto he, ás que conseguirão os insignes luctadores da Grecia: *Honores heroicis Diis Olympicis pares consequi* (4). Tudo finalmente comprehendendo Dião Cássio, quando para explicar a mente dos romanos no titulo de *Augusto* que derão a Octaviano, advertio que não fora outro, que dal-lo a conhecer por mais que homem, isto he, *por hum heróe* (5).

Neste sentido porém quem póde duvidar, que sem offensa da verdadeira religião se pódem chamar *divos* e *deoses* os grandes príncipes, os grandes heróes do Christianismo? O mesmo Deus dos deoses, o verdadeiro Deus que reconhecemos e adoramos por unico, quando para fazer a Moysés respeitado e temido no Egypto deposita nelle o seo poder, diz que constitue a Moysés deos de Faraó (6). «E disse o Senhor a Moysés: Eis ahi te constituí deus de Faraó...».

*«Dixitque Dominus ad Moysen:
Ecce constitui te Deum Pharaonis»...*

O mesmo Deus dos deoses, quando na sua ley nos manda que não detrahamos dos príncipes, diz que *não detrahamos dos deoses: Diis non detrahets, et principi populi tui non maledices* (7).

«Não fallarás mal dos deuses nem amaldiçoarás o principal do teu povo».

Esta he a razão porque ainda depois de introduzido por todo o Mundo o Christianismo, conservavão os imperadores romanos grande parte do ceremonial das *apothéoses* antigas, como couza indifferente na religião, e ao mesmo tempo indice da magestade, em que tinham succedido aos césares gentios. Ainda nas medalhas de Constantino vemos a sua alma vestida de branco, levada ao céo por hum braço nú, que da nuvem a arrebata para cima com a letra do estilo: CONSECRATIO.

(4) Bernegger ao cap. X. do *Panegir.* do Plin. sobre a palavra *Consecrandum*.

(5) *AUGUSTUS quasi esset quid homine amplius, cognominatur est.* Dião C. ssio L. III.

(6) *Constitui te Deum Pharaonis.* Exod. VII. 1.

(7) Exod. XXII. 28.

Ainda nas medalhas de Constantino, Constante e Theodosio Moço, vemos as suas cabeças coroadas de brilhante circulo, que antes costumava cercar a dos outros césares. Ainda no código das leys romanas continuão os imperadores christãos a intitular *divos* os seus predecessores, nunes as suas pessoas. Ainda continuão em chamar *divinas* as suas constituições, *divinos* os seus palacios. Ainda finalmente naquellas augustas assembléas da Igreja Catholica, a que chamamos concilios ecumenicos, se não dedignão os mesmos Summos Pontificos e o corpo dos bispos, de chamar *Sacras Divas* as eneyelicas ou convocatorias dos imperadores (8).

No espirito de todos estes luminosos antecedentes, e com os dous grandes objectos, de ter sempre a Vossa Magestade presente até o fim dos séculos, e de transmittir á posteridade tardia a memoria das magnificas obras, e dos insignes beneficios, com que Vossa Magestade tem engrandecido, illustrado, e abrilhantado toda a Nação: se mancommunarão uniformemente o Senado, o Povo de Lisboa, a Junta do Commercio, com huma lembrança e rezolução digna de tão sabias e illustres corporações, a erigir-lhe e dedicar-lhe huma estatua equestre, que na sua grandeza e altura colossál puzesse nas nuvens o sublime merecimento de Vossa Magestade, que no vasto da sua mole exprimisse bem o immenso pezo da obrigação, em que Vossa Magestade nos póz, que no primor e elegancia da sua fórma constituisse per si mesma o mais claro e sensível testemunho, de quanto no tempo de Vossa Magestade se adiantarão e aperfeçoarão todas as nobres artes; a plastica nos modelos; a escultura nos grupos; a forentica nos anaglyptos; a architectura na base; a fuloriana fiel expressão

(8) Arcadio e Honorio na Ley 15. C. *De Excusation. Muner.* — *Nam et hoc a DIVUS Principibus imperatum est.* — Valentiniano e Valente na Data da Ley 2. C. *De Consorti. ejusd. Lit.* — *DIVO Ioviano A. et Varroniano Cons.* —

Anastasio na Ley 12. C. *De Numerar. Actuar.* etc. — *Per hanc Divinam pragmaticam sanctionem decernimus.* — Justiniano na Ley 1. C. *De Offic. Praef. Practor. Afr.* 1. — *Per hanc Divinam legem sancimus.* — Theodosio na Ley 2. C. *De Quibus Muner.* — *Sive ad Divinam nostram domum.* — Theodosio e Valentiniano na Ley Unica C. D₃ Collegiatis, 1. — *Nulla DIVINAE domus patrocinio.* Theodosio, Arcadio, e Honorio na Ley 10. *De Oper. Pub.* — *Suum nomen sine nostri Numinis mentione inscripserint.* — Graciano, Valentiniano, e Theodosio na Ley 9. C. *De Curs. Publ.* — *Id dantum nostro Numini et tuae sedi sit reservandum.* Confira-se o mais que vai notado no corpo desta obra cap. VI. sobre o titulo *Divus*.

de todas as mais mínimas partes da Natureza e do ornato; a estática e maquinaria na condução, erecção, e suspensão de hum tal colosso.

Asi mesmo tinha Vossa Magestade levantado já tantas estatuas, quantos os soberbos edificios que construiu em Lisboa, e nas suas extensas adjacencias. Porém era necessario outra estatua, que debaixo de huma só inscrição dêsse a conhecer aos vindouros, todas as que Vossa Magestade erigia sem titulo. Era necessario informar a posteridade, de que tudo o que visse grande e sumptuozo, fora obra de Vossa Magestade; para da hi tirar por conclusão, que antes do seu felicissimo e gloriosissimo reynado tudo em Lisboa era pequeno e estreito. Pequenos antes os Tribunaes Regios, que agora por tres lados fechão e terminão com hum magestozo prospecto a Real Praça do Commercio. Pequeno antes o Tribunal da Fé, que agora constitue todo o lado principal da outra grande Praça do Rocio. Pequenos antes o Arsenál e Alfandega, que agora formão do Poente e do Nascente dous centros immensos na Marinha. Pequena antes a Fundição, em que agora trabalham muitos mil artifices. Pequenos antes o Hospital, que agora se experimenta incomprehensivel. Pequenos antes os arcos que agora compétem com os de Tito e de Septimio. Pequenos antes os palacios dos grandes senhores, que agora são excedidos pelas cazas dos inquilinos. Estreita antes toda a Cidade, que agora por toda a parte he espaçosa e patente. Estreitas antes as ruas, que agora pôdem admittir muitas carruagens emparelhadas. Estreita antes a Marinha, que agora se dilata a grandes passeios. Estreitas antes as estradas e caminhos, que agora pôdem conduzir firmemente nomerosos exercitos.

Quem fez tão magnificas e soberbas obras, perguntará a Posteridade? E a estatua de Vossa Magestade responderá, que Vossa Magestade fora o author de todas. Que era Lisboa antes do magnanimo Rey D. Jozê? O que Roma antes de Augusto. Que fizêrão em tantos séculos tantos outros Reys, a quem Lisboa servira tãobem de Corte? O que em tempo do grande Rey D. Jozê foi necessario ou reformar, ou demolir. Grande Rey! Magnanimo Rey! Felices os vassallos, que tivestes a gloria de o conhecer, de o servir, de o adorar. Felices nós, que na sua estatua estamos vendo retratada ao vivo, não sómente a magestosa configuração de seo corpo, mas tão bem a magnanimidade heroica do seo coração.

Regio Menino Principe da Beira, delicias e esperanças de todo o Portugal, olhai para essa estatua de vósso Augusto Avó, e dos frondozos louros que lhe cingem a cabeça, aprendei quanto mais formozas he a coroa que se merece, do que a que se herda. Olhai para a Magestade do Regio Vulto, e aprendei delle a fazervos respeitar até na vósso imagem. Olhai para esses frequentes e numerozos concursos de todas as ordens, de todas as idades, da Corte e das provincias, que continua e successivamente estão entrando na Praça a cortejar com as mais rendidas genuflexões e misuras o regio simulacro, e já desde agora forcejai por vir-des a ser tãobem algũ dia o idolo das nossas adorações, assim como já o sois dos affectos. Passai daqui a observar a grandeza e sumptuosidade de tantos e tão soberbos edificios publicos, e já na vossa imaginação ide traçando, os que vosso grande Avó resêrva para o vosso nome. Vede essa Marinha ornada de nobres caes; essas praças regadas de primorozas fontes; esse terreiro atulhado de trigos; esses mercados bastecidos não só do necessario, mas tãobem do que só serve ao regalo e ás delicias; esses caminhos abertos o todo o custo, e costumai-vos com este exemplo a prezar muito mais o titulo de Pay da Patria, do que o de soberano della.

Eu de mim, Senhor, confesso, que quando contemplo a estatua de Vossa Magestade, não sei facilmente definir, e muito menos explicar, em qual das duas considerações me parece ella mais Augusta: se na que nos representa hum Rey magnanimo, que na grandeza das obras, se ostenta na Terra hum emulo da Divindade; se na que nos representa hum provisor sollicito, e hum conservador vivificante, que em beneficio da republica tudo anima, tudo fomenta, tudo nutre, tudo aprrompta. He certo com tudo e palpavel a toda a intelligencia, que se na razão de heróe pelas obras, he e será sempre Vossa Magestade para nós objecto dos respeitos; na razão de Deus da Patria o he e será sempre do amor e da ternura. Grande cousa he, e talvez a maior, que hum princepe na grandeza das obras pareça enular a mesma Força e Potencia: a da Divindade. Mas ao mesmo tempo que cousa se pôde conceber na idea, que seja tão formozas e tão attractiva, como he emprender e concluir. Vossa Magestade tão grandes obras não para ostentação do seo poder e da sua força, mas unicamente pela utilidade da republica; não pelo que ellas contribuem para a sua gloria, mas pelo que tem de commodidade para os vassallos.

Levantar no Egipto obeliscos, que tocassem no Céu, foi loucura de Ramesses e de Sesostris. Fazer conduzir esses obeliscos do Egypto a Roma, foi vaidade de Augusto e de Claudio. Escavar e romper o Monte Athos, para fazer, como explica Cícero, navegavel a Terra, foi segunda loucura de Xerxes. Transferir para junto do Amphitheatro o colosso do Sól, que era de cento e vinte pés, foi segunda vaidade de Hadriano.

Vossa Magestade, se junto ao *Corpo Sancto* unio por meio de hum soberbo plano inclinado o Bairro Alto com o da *Ribeira Nova*; se por meio de huma sumptuoza rampa unio o monte da *Divina Providencia* com a *Rua Formosa*, foi para com huma descida facil evitar ás carruágens e cavalgadas o penozo circuito de muitos e muitos estádios. Se junto á *Boa Viagem* arrasou e desentelhou hum monte, que da parte da téra fazia impraticavel toda a passagem; e se sobre grosso e profundos pégões sustentou outro, que se precipitava no Mar, foi para abrir por entre elles seguro caminho para as duas praças de S. Julião e de Caseás. Se na enseada de *Paço d'Arcos*, a pezar de toda a resistencia e braveza do Oceano, fundou dentro d'elle hum mólhe capacissimo, que na largura e fortificação das muralhas excedesse as das grandes praças em terra, foi para nas occasiões de temporáes terem os grandes vaos, onde se recolher e amparar da furia das aguas e dos ventos. Se entre as penedias interiores do *Cabo da Roca* continuou huma com outras muitas pontes, e estendeo a muitas milhas firmes calçadas, foi para franquear ás duas villas de *Cintra* e de *Collares* e mutuo commercio que os frequentes precipícios fazião summamente ariscado. Todas estas obras fez necessarias a utilidade pública, não a gloria de as fazer.

Por isso tãoobou, quando ainda hoje em Roma se encontrão a cada passo nos seos porticos, arcos, e columnas, as magnificas inscripções, que em recommendação das suas obras mandavão gravar os Augustos, os Claudios, os Vespasianos' os Titos, os Antoninos, os Sevéros, de Vossa Magestade em Lisboa, sendo tanto e tão illustres os monumentos que existem, talvez não lerá a posteridade hum só titulo. Como todos esses monumentos dedicou Vossa Magestade ao bem dos vassallos, por este sómente quiz se déssem a conhecer, que erão seos.

Ainda hoje se conservão nesses grandes museos da Európa innumeraveis medalhas de ouro e prata, em que o Senado e povo

romano gratificou com elegantes symbolos e enérgicas epigraphas, bualquer obra publica ou beneficio commum dos seos príncepes: as cidades restauradas; as praças abertas ou ornadas de novo; os caminhos munidos; as pontes sobre os rios; a fertilidade da agricultura; a abundancia dos viveros; a providencia em sublevar necessidades de pessoas miseraveis; o favor das Letras e das Artes; a segurança e páz da Republica; a firmeza e eternidade do imperio. Vossa Magestade tendo reedificado huma capital, que no numero dos habitantes iguala grandes provincias; tendo formado praças, que pódem competir com as de Augusto ou de Trajano; tendo aberto estradas, e calçado caminhos, a distancia de muitas legoas; tendo erigido sumptuozas pontes, fertilizado os campos; bastecido os colheiros e mercados publicos; liberalizado doações até aos que as não pédem, nem talvez esperão; depois de dar aos enfermos e meninos expostos hum hospital, que podia servir de habitação decente a grandes personagens; depois de ter animado todo o genero de Litteratura como a fundação de varios collegios, museos, e bibliothecas; depois de ter segurado a tranquillidade publica mais com o respeito e boa morigeração do que com as armas; segurado a magestade do Throno e perpetuidade do seo governo, mais com a praxe de huma sublimae política, do que com o apparatus de grandes exercitos; nem porque estas obras se não eternizão todas no ouro e na prata das medalhas do Senado e Povo de Lisboa, deixa Vossa Magestade de continuar outras; nem a consideração de que pódem esquecer os beneficios, lhe fazem encolher a Real Mão, ou pôr termo à sua inexhausta liberalidade.

Que bem comprehendeo o mesmo Senado e Povo de Lisboa este espirito e caracter da beneficencia de Vossa Magestade! Que discretamente se soube accomodar a elle! Reconhecendo-se intimamente obrigado a levantar a Vossa Magestade mil estatuas, contentou-se com lhe dedicar só huma, porque sabia que ainda essa a não admittiria Vossa Magestade pelo que tinha de Sua, mas pelo que tinha de nossa — não como honra devida a hum heróe, mas como dedicada a hum Pay da Patria. Reconhecendo que as gloriosas acções e estabelecimentos de Vossa Magestade merecião gravar-se muito por extenso em laminas de ouro, contentou-se de as reduzir em quatro regras a hum estreito plano de mármore. Porque sabia, que para a grande alma de Vossa Magestade o mesmo era louvarem-se os beneficios,

que deixarem de o ser. Reconhecendo que as fundações de Vossa Magestade não erão objectos menos dignos de preciosos cunhos, do que o tinham sido as dos antigos césares, porque hua só medalha fez publicar nos tres metais mais preciosos, por que dezejando variar e multiplicar os cunhos pela natureza e numero das mesmas fundações, a aceitação e escolha de Vossa Magestade decido, que para não parecer-mos ingratos, bastava hum; para sermos completamente agradecidos, nenhuns bastavão. Preferio-se pois aquelle, que na reedificação da prostrada Lisboa representasse ao prim.^o intuito quem eramos nós sem Vossa Magestade, o quaes nos achamos já, depois que somos creatura Sua.

Venha agóra o discreto orador romano, e empenho todo o capital da sua eloquencia, em exaggerar e exalter o desinteresse e moderação do seo príncipe. Diga que quando os outros imperadores, qualquer obra publica que fizessem, querião logo que a sua memoria se gravasse em grande pédras e em soberbas colunas; que quando não admittião que se lhes dedicassem outras estatuas, que não fossem de ouro ou de marfim; que quando só entre as dos deoses queriam ver collocadas as suas, o grande Trajano só estimava os titulos, que consistissem nas mesmas obras; elle se contentava que as suas estatuas se formassem da mesma materia, de que erão as de Bruto ou de Camillo, e em lugar de as appetecer entre os deoses, tinha só duas de bronze no atrio do Capitolio ⁽⁹⁾.

Venha, digo, o discreto Plínio; que outro imperador romano arguirá a sua lizonja; o grande Constantino desmentirá os seus louvores quando pelos muitos titulos que de Trajano observou nos edificios de Roma, o chamou *hera das paredes* ⁽¹⁰⁾.

Venha hum Octaviano glorioso, por quem os mais imperadores forão Augustos, e jacte-se de que tendo reedificado a grandes despesas o Capitolio de Juppiter e o theatro de Pompeio, nenhuma

(9) *Horum unum si praestitisset alius, illi jam dudum radiatum caput, et media inter deos sedes auro stare; aut ebores. Tu delubra non nisi adoratibus intra. Itaque tuam statuam in vestibulo Iovis optimi maximi unam alteramve, et hanc aeream, cernimus... Quod ergo titulis omnibus speciosius reor, non trabibus aut saxis nomen tuum, sed monumentis aeternae laudis inciditur... Stant igitur effigies tuae, quales olim ob egregia in rem publicam merita privatis dicabantur. Visuntur eadem materia Caesaris Staturae, qua Brutorum, qua Camillorum.* (Plin. no Panegyrico, cap. 52 e 55).

(10) Sexto Aurelio no Epitome *De Caesaribus* cap. 41.

inscripção pöz nelles do seo nome ⁽¹¹⁾. Porque a historia nos informará, de que esse mesmo Octaviano se formára a si magnificos titulos escrevendo de mão propria o catalogo de todas as suas obras, para se gravar todo por extenso em grande laminas de metal ⁽¹²⁾.

Dião Cassio refére que depois de Augusto ter desbaratado os seus inimigos e da Republica, e segurado com as suas victorias o Imperio, decretára o Senado Romano, que as portas do seo palacio se omassem de louros com a letra, **DOS DESPOJOS**; e que por baixo dos louros se puzesse huma coroa de carvalho com a Inscriptão, **PELAS VIDAS QUE CONSERVOU AOS CIDADÃOS** ⁽¹³⁾.

Tal foi a conducta do Senado Romano com hum príncipe, que no tempo do Triunvirato bannira hum sem numero de cidadãos innocentes e benemeritos, com hum príncipe, que nem abraçado com a estatua de seo tio Julio César, a que se refugiára, deixou de tirar a vida a hum dos filhos de Antonio; com hum príncipe, que se por alguns breves periodos teve fechado o templo de Jano em argumento de páz universal; em todo o mais tempo trouxe envolvido em cruéis guerras todo o Mundo.

Com quanto maior razão, e quanto mais dignamente podia o Senado de Lisboa mandar ceoar de louro e de carvalho as portas do palacio de Vossa Magestade; que se no primeiro anno do seo felicissimo governo desembainhou alguma vez a espada da severidade e do rigor, foi unicamente para debellar os disformes monstros, que infestavão o throno, e para conservar assim indemnes da ruina imminente tantas vidas, quantas de outra sorte ficarião expostas á braveza e ferocidade indómitta da perfidia e da ambição. Sobre estes louros he que sahiria bem o lemma **DE MANUBIIS**; quando se advertisse que erão póstos, depois de Vossa Magestade ter concluido a empreza mais ardua, e alcançado na sua conclusão a mais illustre victoria, que já mais vio, ou ha de ver o Mundo. Sobre este carvalho he que pareceria

(11) Monumento de Ancyra, Taboa I. do lado direito.

(12) Sueton. in *Aug.* cap. ult.

(13) *Tunc decretum fuit poni laurum ante aedes ejus regiae cum Inscriptione, DE MANUBIIS; et quereeam supponi coronam cum Inscriptione, OB CIVES SERVATOS; tamquam inimicorum victori et servatori civium.* (Dião Cassio, Lib. LIII).

proprissima a epigrafe OB CIVES SERVATOS; quando nos lembrassemos que os inimigos, de que Vossa Magestade nos livrára, não erão homens, mas truculentas feras que nos querião devorar.

Porém o que se não praticou nas portas do Real Palacio, veio a executar-se ainda com maior valentia na Real Estatua. Os louros que lhe cingem a cabeça significão bem ao vivo as victorias, que Vossa Magestade conseguiu dos que o soberbo Carvalho piza. Esse circulo que dentro em si inclue a effigie do Marquéz de Pombal, esculpida de meio corpo na base da mesma estatua, he a Coroa de CARVALHO, que a alta dignação de Vossa Magestade para com elle, permittis que servisse de ornamento aos seus louros; para dar a entender, que por meio deste activo e valeroso Ministro seo se conservou immovel o throno, e se conservarão todas as nossas vidas seguras do veneno mortifero, e livres de todos os pungentes abrólhos da malevolencia e da inveja.

Se não he que o attento e discreto Senado de Lisboa, avertindo que a vida que a Vossa Magestade livrára e conservára o Marquéz, excedia todo o prego, e era superior a toda a proporção distingio sabiamente na mesma eminencia do Principado a qualidade de cidadãos. A humanidade e civilidade dos príncipes tem consentido não poucas vezes, que as grandes corporações a que presidem, os reputem e chamem membros seus, ainda que na qualidade de chefes. Tuliano, na Ley 8. *C. De Dignitatibus*, dá-se por membro do Senado, e por colléga dos senadores, quando diz: *Ius senatorum, et auctoritatem ejus ordinis in quo nos quoque ipsos numeramus, necesse est ab omni injuria defendere*. Patriculo querendo lizongear a Tiberio, chama-o o cidadão mais eminente depois de Augusto⁽¹⁴⁾. O senado romano dedicou a Trajano huma medalha com esta inscripção no reverso: OPTIMO CIVI: ⁽¹⁵⁾ para honrar assim o mesmo Marquéz com a *coroa civica* significada no circulo da effigie, não como conservador de hum grande Rey, mas como conservador do cidadão mais digno. Porque já advertira também Plinio Maior, que a honra da *coroa civica* não

se media pela dignidade da pessoa, mas pelo inextimavel da vida ⁽¹⁶⁾.

Lembrame que Espurio Carvilio, tendo subjugado a ferocissima e bellicosissima nação dos samnitas, com a qual trouxéra Roma oitenta annos cruel guerra, mandou fundir dos peitoraes, bótas, capacetes conquistados hum colosso altissimo, que dedicou a Juppiter no Capitolio; e das pequenas rásas ou limaduras que tinham restado do colosso, fez huma estatua sua que collocou aos pés de deos ⁽¹⁷⁾. He o mesmo que com prudente attenção ao que o Marquéz CARVALHO merecia de Vossa Magestade e de toda a Nação Portuguesa, praticou com elle o Senado de Lisboa. Para eterno monumento das victorias, que Vossa Magestade tinha adensado de huma gente a mais feróz e sanguinaria que virão os séculos, e para eterna memoria dos grandes beneficios, que em consequencia das mesmas victorias fizera Vossa Magestade a toda a Nação, mandou fazer o mesmo Senado, e dedicou por ultimo a Vossa Magestade essa augusta estatua colossal; declarando na inscripção, ter sido o Marquéz de Pombal o principa author e promotor della; e esculpindo na base o mesmo Marquéz de meio corpo, como nobre fragmento do real colosso. Desta sorte ficou Vossa Magestade na sua estatua qualificado para sempre o grande nune da Nação Portuguesa; e ficou o Marquéz de Pombal conhecido para sempre o grande Ministro do nosso nune; ou, se Vossa Magestade não permite dizer assim, o GENIO do nosso Augusto.

Por este GENIO, como por actuosissimo instrumento e effiacissimo cooperador da nossa gloria e felicidade juraremos de hoje em diante na presença da Real Estatua. Todos sabem; que os antigos juravão pelo GENIO dos césares, como nós hoje o poderíamos fazer por tudo aquillo, que mais estimamos e adoramos ⁽¹⁸⁾.

Que Vossa Magestade foi valeroso e destemido Hercules: não é novo comprar hum Rey valente e intrepido a Hercules (na

⁽¹⁴⁾ *Tiberius Nero civium post Augustum eminentissimus*. Lib. II. cap. 99.

⁽¹⁵⁾ *Medio barbi*, pág. 151.

⁽¹⁶⁾ —*Nec crescit honos idem Imperatore servato; quoniam conductores in quocumque cive summum esse voluerunt*. (Plin. Lib. XVI, cap. 4).

⁽¹⁷⁾ Plin. Lib. XXXIV. cap. 7.

⁽¹⁸⁾ Ulpiano na Ley 13. D. *De iure jurando*. Tertulliano na *Apologer*. cap. 27. Minucio Felix no *Octavio*.

effigie e com as insignias deste heróe representão a Trajano as medalhas que traz Beger no *Thezouro de Brandebourg* (19), representão a Hadriano as que allega Spanheim (20), que decapitando de hum golpe a ferós hidra, que por tantos annos invenava, assolava, e devastava este Reyno, pôz em agradavel socego e profundo ocio todos os seus vassallos. Juraremos, que foi o valente e intrépido reparador de todas as nossas ruínas; que com huma providencia que a tudo se estende, nos armou de Exército e de Marinha; nos enriqueceo com o gyro e avanços do Commercio; nos civilizou com os Bons Estados; e achando-nos faltos de quasi tudo o que éra necessario, nos apromptou até os mesmos regalos e diversões. Juraremos, que a Vossa Magestade deve Lisboa o esplendor, a Corte a ordem, o Palacio o respeito, o Ministério os fundamentos, o Throno a segurança, todo o Portugal o ver-se restituído a huma verde e florente mocidade, quando a inercia de dous séculos o tinham reduzido a huma ancianidade decrepita, que mais que attenuado o fazia parecer caduco. Juraremos, que pelo que fez, e pelo que obrou em commum beneficio dos vassallos, merece Vossa Magestade ser nos monumentos portuguezes caracterizado eternamente, como o forão nos Romanos hum Augusto, de PAY E CONSERVADOR DA PATRIA; hum Trajano, de PRINCEPE OPTIMO; hum Antonino Pio, de AMPLIADOR DOS CIDADÃOS; hum Constantino, de PRINCEPE PROVIDENTISSIMO; hum Theodosio, de PRINCEPE NASCIDO PARA SAUDE E UTILIDADE PUBLICA. Juraremos finalmente, que depois das publicas honras de huma estatua equestre; das adorações de toda huma Corte, e de todo hum Reyno; de tantos carros triumphaes; de tantos epinicios lyricos; de tantos concertos musicos; de tantos festins magnificos; de tantos banquetes esplendidos; de tantos vivas e aclamações de louvor, mereceo tãobem a imagem de Vossa Magestade ser o principal ornamento das nossas cazas, dos nossos museus, dos nossos gabinetes: merece ser o objecto quotidiano dos nossos cultos e dos nossos obsequios, assim como o foi entre os romanos e de Marco Aurélio, ate o ponto de se reputarem sacrilegos os que não a

(19) Tomo III. pag. 112.

(20) *De Usu et Praestantia Numismatum*, Tom. II. pag. 492.

tivessem conseguido (21) — merece ser o continuo incentivo dos nossos vótos e rogativas ao Deos do Céu, pela saude e conservação de Vossa Magestade e de toda a Real Familia; pela eterna propagação e successão no Throno Portuguêz da Régia e Serenissima Estirpe da Caza de Bragança; pela immovel perpetuidade do seu felicissimo e suavissimo governo; pela inenoussa prosperidade de todos os seus vastos e importantes estabelecimentos.

(21) — *Eriam sacrilegus judicatus est, qui ejus imaginem in sua domo non habuit.* (Capitolino, na *Vida de Marco Aurélio*, cap. 18).

CAPÍTULO I

*QUAM ESCUROS E INCERTOS SEJÃO OS PRINCIPIOS DA ESTATUARIA
BUSCADOS NA MAIS REMOTA ANTIGUIDADE. LUGARES DA HISTORIA
SAGRADA E PROFANA QUE NESTE PARTICULAR NOS PODEM DAR
ALGUMA LUZ. COLUMNAS PRIMEIRO QUE AS ESTATUAS*

A estatuaria sendo no princípio consagrada somente aos deozes, veio pelo decurso dos tempos a communicar-se também aos heróes e homens illustres. Tomada pois em toda a sua extensão, he a estatuaria sem duvida alguma coéva da idolatria. Porque outra couza forão os primeiros ídolos, seão as primeiras estatuas? Toda a difficuldade está em fixar ao certo a primeira origem de huma e outra; o que até agora depois de tantas indagações e discussões ainda se não descobrio. A opinião mais bem recebida entre os Padres da Igreja he que as primeiras estatuas que houve no Mundo, forão as que Nino primeiro rey dos Assyrios erigio a seo pay Belo, duzentos annos depois do Diluvio. Para isso suppoem, que o Belo da Historia Profana he o Neiarod da Sagrada, hum dos principaes fundadores da torre da Babylonia. Ésta hypótese tem contra si a insuperável difficuldade, de que se são verdadeiros os cálculos do grande chronologista Usserio, foi Nino mais de trezentos annos posterior a Moysés. Porque florecendo Moysés no anno do Mundo 2544, os principios do império de Nino coincidem com o anno do Mundo 2787. Suidas Grammatico, seguindo a Eusebio de Cesaréa, dá por primeiro author dos simulacros gentílicos a Sarug bisavô de Abraham⁽²²⁾. S. Epifanio, na prefacção da sua obra contra as heresias, a Thára, pay do mesmo

⁽²²⁾ Suidas no seo *Lexico* da edição de Cantorberi 1705, na Palavra SARUG.

Abraham; acrescentando que os fizera de barro, e consequentemente que fora o inventor da plástica⁽²³⁾. Outros suppondo que a idolatria começára pelo culto dos astros; e reflectindo em que os primeiros obeliscos dedicados ao Sól em Memfis e em Thébas são de tão remota antiguidade, que excedem a epoca de Abraham, crem que do Egypto aprenderão os mortaes o uzo das estatuas⁽²⁴⁾.

O que neste particular nos consta irrefragavelmente da Sagrada Escritura, he o que vamos a referir. *Primo*: que em tempo de Abraham, isto he, dous mil annos antes da vinda de Christo havia ídolos na Caldéa, que seos pays adoravão⁽²⁵⁾. *Secundo*: que esta superstição se conservou na familia de Naccor, pay de Laban, de cuja caza furtou Raquel os ídolos do mesmo Laban seo pay, para os dar a Jacó⁽²⁶⁾. *Tertio*: que em tempo de Moysés prohibio Deos aos hebreos toda a escultura ou imagem de couza creáda; e o fazer ídolos de ouro ou prata⁽²⁷⁾. *Quarto*: que não obstante esta divina prohibição, fundirão e adoravão os hebreos no deserto o Bezero de ouro á imitação dos egypcios, que na mesma figura adoravão o seo Apis ou Serápis⁽²⁸⁾. *Quinto*: que por este mesmo tempo infundio o Senhor miraculosamente nos dous hebreos Beseleel e Oliab hum perfeito conhecimento de todas as partes ou especies da estatuaria, ao fim de saberm fabricar o Tabernaculo, a Arca do Testamento, o Propiciatorio, os seos dous querubins, com tudo o que para isso era necessario obrar em ouro, prata, cobre, marmore, pedras preciosas, madeira⁽²⁹⁾. *Sexto*: que quinhentos annos depois de Moysés fazia David irrizão dos simulacros de ouro e prata dos falsos deoses, que tendo boca não fallavão, tendo ouvidos não ouvião, tendo narizes carecião

⁽²³⁾ S. Epifanio Tomo I, pag. 8.º da edição de Pariz 1682.

⁽²⁴⁾ Pedro Angelo Bargés na dissertação *De Obelisco*, que anda no Tomo IV. das *Antiguidades Romanas* de Grevio. Da *antiguidade dos Obeliscos* trata Plinio Lib. XXXVI. cap. 8.

⁽²⁵⁾ Jos. XXIV. 2. «*Trans fluvium habitaverunt patres vestri ab initio, Thare, pater Abraham et Nachor, servierunt que diis alienis*».

⁽²⁶⁾ Genes. XXXI. 19. «*Eso tempore erat Laban ad tendendas oves, et Rachel furata est idola patris sui*».

⁽²⁷⁾ Exod. XX. 3. 23. «*Non habebis deos alienos coram me. Non pacietis deos argenteos, nec deos aureos facietis vobis*».

⁽²⁸⁾ Exod. XXXII. 4.

⁽²⁹⁾ Exod. XXXI. 2. 6. p. 82. *Vulgar.*: *Locutusque est Dominus ad Moysen dicens: Ecce vocavi ex nomine*.

de olfato, tendo mãos não palpavão, tendo pés não andavão ⁽³⁰⁾. No que David sem duvida alludia aos idolos de Baal, *Moloch, Dagon, e Astaroth*, que no seo tempo e no dos reys seos successores, forão o escandalo de toda a nação judaica.

Estes factos poem em toda a evidencia, quando não a primeira origem da estatuaria idolátrica, ao menos a sua remotissima antiguidade entre os hebreos e nações confinantes; e isto tanto pelo que toca á escultura, como á fundição, e ao relevo.

Passando agora ao que nos subministra a historia profana de gregos e latinos — observa Pausanias ⁽³¹⁾ — que quando ainda a estatuaria se achava muito rude, ou de todo se ignorava entre os gregos, costumavão estes adorar por deoses os toscos penedos, como se fossem verdadeiros simulacros. Tal era o idolo da Grande May, trazido de Pessinunte da Frygia; de que Arnobio moteja os gentios, por ser hum simulacro de pedra negra por desbatar, em que apenas se divisava roste: *Lapis quidem non magnus coloris ferevi atque atri, indolatus et asper, et simulacro faciem minus expressam praebens* ⁽³²⁾. Tal o Cupido de Thespis. Taes os dous idolos de pedra do Egypto, que ainda hoje se conservão no museo da Casa Barberini. Nem as estatuas de páo erão naquelles primeiros tempos menos informes. Como a Pállas Attica, que Tertulliano no seo *Apologetico* descreve sem figura. Como a Diana de Icurias, e a Juno de Samos, de que falla S. Clemente Alexandrino ⁽³³⁾. Como os outros idolos de quem cantava Lucano: *Simulacraque maesta deorum Arte carent, caecis que extant informia truncis*. E Prudencio: *Deasciato supplicare stipiti*.

Acrescenta S. Clemente Alexandrino no mesmo lugar, que ha pouco citámos, que quando nestas estatuas empregavão os antigos mais algum artificio e esmero, era formando-as e erigindo-as a modo de columnas ou traves, que começando e continuando em figura orbicular, acabavão em pyramide. Taes descreve Tacito a Venus de Chipre, e depois d'elle Maximo de Tyro, que claramente

⁽³⁰⁾ Psalm. CXII. 12. Psalm CXXXIV, 15-17: «*Simulacra gentium argentum et aurum, opera manuum hominum. Os habent, et non loquentur; oculos habent, et non videbunt. Aures habent, et non audient; neque enim est spiritus in ore ipsorum*».

⁽³¹⁾ *Et sane Graecis olim omnibus patrium fuit rudes Lapides pro diis, perinde ac simulacra ipsa volere*. (Cap. 4, pag. 40, da edição de Potter, Liv. VII, cap. 22, pag. 579 da edição de 1696).

⁽³²⁾ Arnobio, *Adv. Gentes* Lib. VII, pag. 253, da edição de Leyda 1651.

⁽³³⁾ Clem. Alex. *Admonit. ad Gentes* cap. 4, pag. 40, da edição de Potter.

a chama *pyramide de pedra branca* ^(33 a). Taes Herodiano na vida de Macrino o idolo de Eméssa, *Heleagabalo* ou *Alagabalo*, que era huma grande pédra, que principiando por figura redonda, hia pouco a pouco tomando-a agúda, até acabar em figura conica ^(33 b). Taes o Castor e Pollux que se venerão em Lacedemonia; o Apollo de Delfos; a Juno de Argos.

Estas columnas servindo de estatuas, julgára eu que as tomarão os gregos dos fenicios, e estes dos hebreos. No Sagrado Livro do Genesis he notavel o lugar, em que se refere; que depois do mysteriozo sonho que Jacó tivéra em Bethél, levantara elle por titulo ou memoria do caso huma pédra ungiúda; que era a mesma que lhe servido de cabeceira ⁽³⁴⁾. O original hebreo onde a nossa Vulgata diz *erigio um titulo*, tem *erigio huma estatua*. Não porque aquella pédra fosse estatua verdadeira; mas porque naquelles primeiros séculos servião as columnas, do que depois vierão a servir as estatuas regulares. Por isso no ultimo verso do mesmo capitulo, onde a versão latina diz *esta pédra*, vertem os setenta *esta columna*, que isso significa em Grego a palavra *stela*, de que uzão; e dahi vem o nome *stelita*, com que a Igreja no quinto século da era christã venerou e deu a conhecer os dous portentos da graça e da natureza, *Simeão e Daniel*, por terem vivido por muitos annos sobre duas columnas altissimas.

He porém tradição dos hebreos, que pelo decurso dos tempos viérão os fenicios a adorar ésta pédra erecta por Jacó, e a levantar outras semelhantes que chamavão *bethylos* ou *bethyltos*, tambem erigidos com o chrysmo. De tudo nos informa Eusebio de Cesaréa, citado a Sanconiaton author nacional da ultima antiguidade; se não he que a obra que lhe attribue Eusebio, foi invento de Porphyrio, como suspeitão algúns criticos ⁽³⁵⁾. Destes *bethylos* se encontravão depois muitos no monte Libano, como por testemunho de Damascio affirma Focio na sua *Bibliothéca* ⁽³⁶⁾.

^(33 a) *Continuus orbis initio latiore, tenuem in ambitum metae modo exurgens*. Tacit. *Histor. Lib II cap. 3. Veneris pyramis alba*. Maximo Tirio, *Orat.* XXXVIII.

^(33 b) *Lapis erat maximus ab imo rotundus, et sensim fastigiatus, prapemodum ad conicam figuram*. Tom. I, da edição de Sylburgio, pag. 562. Lib. IV, cap. 23.

⁽³⁴⁾ Genes. XXVIII. 18. — «*Surgens ergo Jacob mane, tulit lapidem quem supposuerat capiti suo, et erexit in titulum, fundens oleum desuper*».

⁽³⁵⁾ Euseb. *De Praeparat. Evangel.* Lib. I. Cap. 10, pag. 33, da edição de Colonia, 1688.

⁽³⁶⁾ Foc. pag. 1047, da edição de Rouen, 1658.

Os que forem bizonhos na Historia cuidarão talvez, que deste genero forão tãobem as chamadas Columnas de Hereules, que de huma e outra banda do estreito de Gibraltár dividião a Hespanha e a Africa. Porém a verdade notoria he, que nunca houve tães columnas; e que o que deo occasião á fábula de as ter posto Hercules como balizas do Mundo, forão os dous montes *Calpe* da banda de Hespanha, e *Abyla* da banda da Mourama; que vistos de longe parecem duas columnas; e com este nome são conhecidos entre os antigos geographos; e pela mesma analogia que temos ponderado, lhes dão algũs tãobem o nome de *estatuas* de Hercules (37).

Porém he indubitavel, que ainda depois de introduzido e propagado o uzo das estatuas regulares e perfectas, continuãõ as columnas a exercer entre gregos e romanos o seo antigo, e primeiro ministério, que era servir de pedrões ou do heroismo, ou de memoria para os vindouros. Ainda hoje na provincia de Tróade, entre o cabo dos *Jenizanos* e os campos do rio *Siamandro*, em huma pequena povoação a que os turcos chamão Gourkiosi, existe lançada por terra huma columna de nove pés de alto, que o erudito inglês *Edmundo Chisul* nas suas *Antiquidades Asiaticas* mostra por indícios certos, que fora alli erecta seiscentos annos antes da nõssa era, em memoria de hum *Ranodizo* filho de Heracles de Proconeso. Existe igualmente no coração da Jonha, em outra pequena povoação que os turcos chamão *Eraki*, outra grande columna, que contém huma longa serie de imprecções, que os naturaes da terra fulminão contra quem os inquietar ou offendê e que o mesmo Chisul prova com igual evidencia ter sido pósta quinhentos annos antes da mesma era de Christo.

Entre os romanos forão celeberrimas na Praça as columnas de Ceio Menio e de Ceio Duillio: ornada aquella dos despojos do antigo Lucio, esta dos de Carthago (38). Por morte de Julio Cezar lhe dedicou tãobem o povo romano na Praça huma columna de vinte pés com esta inscripção: PARENTI PATRIAE (39). Nenhuma porém de todas as que se tihão visto em Roma, igualou na

(37) Plin. no Proemio do Livro III. Prisciano in *Periegesi*.

(38) Plin. Lib. XXXIV. cap. 5.

(39) Sueton. cap. 85.

grandeza e soberba ou a que o Senado levantou a Trajano, ou a que depois de Trajano levantou a Marco Aurélio a Antonio Pio. Os que virão e medirão huma e outra, attéstão que a de Trajano tem de altura cento e vinte e oito pés, e que se sóbe por huma escada de cento e oitenta e quatro degrãos: e que a de Antonino Pio, que a excede mais em quarenta e sete pés, tem por toda a altura cento e setenta pés, a que se sóbe por outra escada de cento e noventa degrãos (39a).

O espirito destas e de outras semelhantes columnas éra dar a entender, que com a sublimidade das suas acções se elevavão os grandes homens muito sobre a natureza dos mortaes. — *Columnarum ratio erat attolle supra ceteros mortales* (40). Porisso era muito ordinario collocar sobre éstas columnas as estatuas dos heróes, a que erão dedicadas; como se vé de algumas medalhas de Augusto, Othão, e Tito; e como ainda testificão as duas referidas de Trajano e de Antonino; em lugar de cujas estatuas equestres, que algum dia se vião nellas, mandou o Papa Xisto V. collocar sobre a primeira a estatua de S. Pedro, e sobre a segunda a de S. Paulo. A escada interior em forma de *caracol* deo a estas columnas o nome de *columnas cochlidas*, com que as dá a conhecer Publico Victor na descripção da antiga Roma.

Neste espirito dizia Ennio a Scipião: *Quantam Statuam tibi faciet Populus Romanus? Quantam Columnam, quae res tuas gestas loquatur?* Neste escrevia Horacio na sua *Arte*, que nem os deoses, nem os homens, nem as columnas podião fazer, que fossem verdadeiros poetas, os que sómente o erão mediocres; significando deste modo ser a poezia huma composição, que não admitte meio. (41).

(39a) Affonso Chason, *Historia utriusque Belli Dacici a Trajano Caesare gesti, etc.* que anda no fim do Tratado de Rafaél Fabretti *In Columna Trajani*. Jozé Castalião *De Columna Triumphali*, no Tomo IV. das *Antiquidades Romanas* de Grevio. Depois de Castalião publicou João Vignoli modernamente outra dissertação: *De Columna Antonini Pii*.

(40) Plin. Lib. XXXIV. cap. 6.

(41) *Mediocribus esse Poetis non homines, Non di, non concessere columnae.* (*Arte Poética*, 372-373). «Sur les *columnae* (colonnes) ou les *pilae* (piliers des portiques), les libraires affichaient les nouveautés». (Horace, *Oeuvres Complètes*, trad. nouvelle par Fr. Richard, Garnier, Paris, s. d., nota 391, p. 329). Cf. *Arte Poética...* trad. por Pedro José da Fonseca, Lisboa, MDCCXC, p. 240-241 e trad. de Cândido Lusitano (Lisboa, MCCLVIII, p. 158-9.)

CAPITULO II

INTRODUÇÃO E CELEBRIDADE DAS ESTATUAS NA GRECIA E DEPOIS EM ROMA, DESUNIDA DOS JOGOS OLYMPICOS COM A EPOCA DAS OLYMPIADAS. ESTUPENDA PROPAGAÇÃO DAS MESMAS ESTATUAS EM ROMA DEPOIS DA CONQUISTA DA GRECIA E DA ASIA

Diodóro de Sicília, que florescia em tempo de Augusto, affirma que Dédalo fora na Grecia o primeiro, que ensinára a fazer as estatuas com os olhos abertos, e os pés e braços com a separação natural⁽⁴²⁾. Foi Dédalo mais de cem annos anterior a David. E nesta parte ninguém pôe duvida á narração de Diodóro. Daqui porém até a estatuaria conseguir a sua maior celebridade e ultima perfeição, decorrerão ainda muitos séculos.

Plínio, que das antiguidades profanas foi sem controversia o mais diligente e exacto indagador que se conhece em toda a Republica Litteraria, dá primeiramente por assentado com o testemunho de Varrão e de Pesíteles, que a estatuaria na parte que se occupa em obras de escultura, fundição, e relevo, he filha da *plastica*, que he a arte de figurar em barro. Depois affirma que o inventor da plastica entre os gregos fora Dibutades de Sicyonia; o seo introductor na Italia Demárate, pay do rey Tarquinio Prisco, que a trouxera de Corinthe. Por ultimo tratando das obras em marmore e em bronze, collóca entre o principio das olympiadas e a olympiada quinquagesima, a Melas de Chio, que com seo filho Miciades, e com seo neto Anthermo e com seo bisneto Bupallo, encherão de admiraveis simulacros de marmore não só a patria mas também Délos e Lésbos. Em Chio era

⁽⁴²⁾ Diodóro Lib. IV. cap. 76. Tom. I. pag. 319. da edição de Amsterdão 1746.

sobre todas afamada huma Diana, que aos que entravão no templo parecia triste, aos que sahião risonha. Depois destes forão celebres Dipeno e Sicilis naturaes de Créta, que passando a Sicyenia fizeram alli hum Apollo, huma Diana, hum Hércules, e huma Minerva, em Ambracia, Argos, e Olenia outras muitas estatuas do mesmo mármore⁽⁴³⁾.

As obras em bronze quer o nosso escritor, que começassem com o grande Fídias atheniense, que florescia na olympiada octogesima terecira, isto he, trezentos e vinte dous annos depois da instituição dos *Jogos Olympicos*, que todos os chronólogos alligão ao anno 776 antes da era vulgar. Não porque antes de Fídias não se conhecessem estatuas algumas de bronze, mas porque a Fídias e á sua escola deveo ésta arte seo maior desenvolvimento e celebridade, depois que elle mostrou ao Mundo a sua famoza Minerva, a sua amazona, e outras admiraveis obras fundidas.

Em Roma he facto constante, que nos primeiros cento e setenta annos não houve templo, nem altar, nem simulacro algum. S. Agostinho o prôva com o testemunho de Varrão e Plutárco o confirma na vida de Numa⁽⁴⁴⁾. O que, se assim foi, era falsa a opinião dos que em tempo de Plínio crião, que o Hércules que se venerava na Praça dos Bois, foira consagrada por Evandro⁽⁴⁵⁾. Depois de introduzido o uzo das estatuas, he igualmente certo, que as primeiras forão de páo ou de báiro, e que em quanto se não conquistou a Asia, forão na mesma Roma poucas as de mármore, e rarissimas as de bronze⁽⁴⁶⁾.

Com a instituição pois dos *Jogos Olympicos*, que como já acima advertimos, coeide com o anno 776 antes do Nascimento de Christo, começou a honra das estatuas a communicar-se dos deoses aos heróes. Este era o premio que mais illustremente qualificava o valor dos que naquelles certames sahião vencedores. E o que vencía tres vezes, tinha estatua ao natural, tirada bem

⁽⁴³⁾ Plin. Lib. XXXV. cap. 12. et Lib. XXXVI. cap. 4. e 5.

⁽⁴⁴⁾ Lib. IV. *De Civit. Dei* cap. 34.

⁽⁴⁵⁾ Plin. Lib. XXXIV. cap. 7.

⁽⁴⁶⁾ Plin. Lib. XXXIV. cap. 7.

pelas feições e estatura de cada hum; que por isso as chamavão *iconicas*, como se disseramos *veras effigies* (47).

Depois se propagou também o uzo das estatuas a fazer honra, e a perpetuar nos mármore e bronzes a memoria de outros illustres feitos. Virgilio significou quando disse na Eneida: *Vestibulo adstant, primique ab origine Reges, Martiaque ob patriam pugnando vulnera passi*.

Os primeiros ou entre os primeiros que tiverão estatuas em Athenas, forão Hermodio e Aristogitão seus libertadores. Tendo-as levado Xerxes para a Persia, refere Plinio que Alexandre Magno as restituira á Republica (48). Valério Maximo que as restituira Seleuco (49). Ambos porém concordão que erão de bronze, e Plinio acrescenta, que Praxiteles fora o artifice. Seguirão-se depois a de Miltiades, depois a de Themistocles, depois as de outros.

Em Delfos tiverão estatuas Cleobis, Biton, e Gorgias. Em Roma depois dos reys, Horacio Coeles, Camillo, Octavio, e até as duas vestáes Oelia, e Suffécia (50).

Os lugares em que collocavão as estatuas dos herões e homens illustres, erão em toda a parte os mais célebres e patentes. Erão os templos dos deoses; o Senado; a casa das assembléas e banquetes publicos, a que chamavão os gregos *Prytaneo*; as praças de maior concurso; os porticos dos palacios; os theatros; as thérmas; a bibliothéas. Alexandre Magno teve estatua em Delfos no templo de Apollo, em Cadix no templo de Hercules (51). Antiocho teve-a em Iconia no templo de Minerva (52). Julio Cészar em muitos de Roma (53). E depois de Julio Cészar affectarão sempre os mais imperadores a mesma honra (54). Se bem que também dos particulares teve Scipião estatua no Capitolio; e em tempos de Augusto a teve no templo de Esculapio o médico Antonio Musa (55).

(47) Pli. Lib. XXXIV. cap. 4.

Cf. *Histoire Naturelle de Pline*, avec la traduction en français par M. E. Littré, Paris, Firmin Didot, MDCCCLV, p. 487-489 e 500-502.

(48) Pli. Lib. XXXIV. cap. 4.

(49) Val. Max. Lib. II. cap. 10.

(50) Pli. Lib. XXXIV. cap. 6.

(51) Pli. Lib. XXXIV. cap. 8. Sueton. in *Julio* cap. 7.

(52) Livio Lib. XXXVI. cap. 20.

(53) Sueton. in *Julio* cap. 76.

(54) Pli. in *Panegyrico de Trajano* cap. 52.

(55) Sueton. in *Augusti*. cap. 59.

Cicero, na Oração *Pro Deiotaro*, affirma, que o lugar mais authorisado para as estatuas de hum cidadão romano, era na praça antiga o que chamavão dos *Esporões*, onde a tinhão Romulo e Camillo. Ao mesmo allude Albinovano, quando na Consolação de Livia escreve: *Stabit et in Rostris tituli speciosus honore*.

Patereulo aponta por huma honra das mais distinctas de Augusto, ter-lhe o Senado posto estatua na Curia Hostilia, onde em trezentos annos só a tinhão conseguido Pompeo e Julio Cészar. Cahia a Curia Hostilia sobre o lugar dos *Esporões*; e para a honra, creio que ambos se reputavão o mesmo.

Conquistada por Lucio Mesumio a Acaia, e por Quinto Metello a Macedonia, o que foi ao anno seis centos e tantos da Fundação de Roma, vio-se esta Metropole do Mundo inundada de estatuas trazidas da Grécia, como despojos das victorias. De sorte que no ambito de hum só theatro mostrou Marco Scauro, sendo almotacél, ao povo romano tres mil estatuas (56).

O que direi das que depois vierão a Roma da Asia e do Ponto nos triumphos de Lucullo e de Pompeo? Das que imperando Augusto se achavão nos thezouros de Cleopatra rainha do Egypto? Das que a curiosidade e gosto de Asinio Pollião ajuntou no seu museo? Das que Marco Agrippa, genro do mesmo Augusto, collocou no seu *Pantheon*, que hoje se chama a *Rotunda*; quando só nos chafarizes e lagos que edificou sendo almotacél (*), chegarão a trezentas as que fez publicas, de mármore e de bronze? Das que crescerão em tempos de Tibério, Claudio, e Nero? E com tudo depois deste numero sem numero de estatuas, que no espaço de duzentos annos se transportarão do Oriente para o Occidente, affirmava em tempo de Vaspasiano o consul Muciano, como testemunha ocular, que ainda restavão a Rhódes tres mil, e outras tantas em Delfos, em Athenas, em Olympia (57).

Até de effigies sólidas dos grandes brutos havia em Roma muitas primorosissimas. Porque não fallando dos elefantes de bronze tirado por seus carros triumphantes do mesmo metál, que

(56) Hist. Nat. Plinio, trad. Littré, vol. II, p. 435. «*In M. Scauri aedilitate tria millia signorum in scena tantum fuere temporario theatro. Mummius devicta Achaia replevit Urbem...*» (Lib. XXXIV, 17).

(*) Edil curul.

(57) Pli. Lib. XXXIV. cap. 17.

segundo lemos em Cassiodoro estavam na *Via Sacra* ⁽⁵⁸⁾, Publio Victor antigo escritor dos edificios e cousas memoraveis de Roma, conta no seu catalogo vinte e quatro cavallos de bronze, e noventa e quatro de marfim ⁽⁵⁹⁾. E ainda hoje sêrvem de magnifico ornato ao palacio pontificio do Monte Quirinal dous cavallos de marmore de admiravel grandeza e naturalidade, que derão ao mesmo monte o nome de *Monte Cavallo*; a que alguns eruditos crem, que forão trazidos de Alexandria por Constantino ⁽⁶⁰⁾. Entre os de bronze era sobre todos memoravel o de Julio César, que se admirava na praça Julia, formado ao natural do da pessoa do mesmo imperador, do qual attestão Plinio e Suetonio, que tinha pés como de homem, com separação de dedos e unhas ⁽⁶¹⁾. E não falta quem diga, que este cavallo de bronze éra o mesmo Bucéfalo de Alexandre Magno feito pelo grande Lysippo; só com a differença de se lhe terem formado as unhas á imitação do verdadeiro ⁽⁶²⁾.

Emfim as estatuas que se vião em Roma em diversos lugares publicos erão tantas, que Cassiodoro as chama *poco numerosissimo de estatuas*, acrescentando que parecião tantas as que formára a Arte, como as que procreára a Natureza ⁽⁶³⁾.

⁽⁵⁸⁾ Lib. X. Epist. 30.

⁽⁵⁹⁾ Nardini *Roma Vetus* Lib. VI. cap. 1.

⁽⁶⁰⁾ Borriqui *Antiqua Urbis Romanae Facies* cap. 8.

⁽⁶¹⁾ Plin. Lib. VIII. cap. 42. Sueton. in *Julio* cap. 61.

⁽⁶²⁾ Nardini *Roma Vetus* Lib. V. cap. 9.

⁽⁶³⁾ *Romae in plateis erat quidam populus copiosissimus statuarum pretiosarum* (Cassiod., Lib. VII, *Porm.* 13. N. 14).

CAPÍTULO III

DA MATERIA DAS ESTATUAS. EMENDA-SE UM LUGAR DE PLINIO, E EXPENDE-SE OUTRO SOBRE A DIFFICULDADE DE AS FUNDIR, EM RECOMMENDAÇÃO E PARA REALCE DA EQUESTRE COLOSSAL DE SUA MAGESTADE.

A primeira matéria, de que se formarão as estatuas dos deoses, foi o páo e o barro, segundo he a ordem natural de todos os inventos humanos, começar pelo mais facil e menos precioso ⁽⁶⁴⁾. Nenhum dos que nos primeiros séculos da Igreja combaterão a Idolatria, deixou de escarnecer humas divindades, que sendo de tão vil matéria, até os seus artifices conciliavão o titulo de divinos ⁽⁶⁵⁾.

Prefereião-se entre todas as arvores o hebeno, o cédro, o cypréste, o carvalho, o lódão, a parra. De cédro era em Roma o Apólo Tosiano, trazido de Sileucia: de parra o Iuppiter, que por muitos seculos se venerou em Populonia ⁽⁶⁶⁾.

O barro e as suas officinas fizerão célebres antigamente a Samos e a Cós no Archipélago; a Erythraea Ionica; a Arezzo, Módena, Rhegio, e Cuma na Italia. Desta matéria fizerão os dous plasticos gregos, Damófilo e Górgaso muitos simulacros, que em Roma ornavão o templo de Ceres. Da mesma éra formada a Venus May, que estava na praça Julia, obra do outro plastico grego Arquessilão. Cultivou-se ésta arte na Toscana, mais que em alguma parte da Italia. Daqui chamou Tarquinio Prisco a Turiano, para fazer de barro Iuppiter, que se collocou no Capitolio. Na expugna-

⁽⁶⁴⁾ Plin. Lib. XIV. cap. 1. Lib. XXXV. cap. 7. e cap. 12. Pausanias Lib. VIII. cap. 17.

⁽⁶⁵⁾ *Caelatum divini opus Alcimendontis*, Virgil. *Ecol.* III.

⁽⁶⁶⁾ Plin. Lib. XIII. cap. 5. et Lib. XIV. cap. 1.

ção de Bolsena forão achadas duas mil estatuas deste genero, de deoses e de heróes. Na historia das curiosidades romanas não ha couza mais celebre, do que os simulacros e vazos *etruscos* ou *toscános*. O gosto de alguns senhores os preferia á porcellana. Nos sacrificios não se admittião outros.

O marfim ficou nobilitado na Grecia com o Iuppiter de Olympia, e com a Minerva de Athenas; em Roma com o Apóllo da praça de Augusto, e com o Iuppiter do templo de Metéllo (67).

O mármore quando não tivesse outra estatua, de que se jactar, bastaria para isso a celebrada Venus de Praxiteles venerada em Gnido. Porém a mesma mão que soube dar affectos á pédra, e communicar incendios á frieza, esta mesma lavrou da mesma materia outros muitos portentos, que em outro lugar mais proprio referiremos. No principio da escultura éra o mármore de Páros o mais selecto, ainda que menos branco. Chamavão-o os gregos *lychnites*, por ser cortado nas pedreiras á luz de fâchos. Depois preferião-se-lhes o de Chipre, o da Armenia, o da Ethiopia, que chamavão *basaltes* (67a), por se assemelhar ao ferro na cor e na dureza. Deste era feito o Nilo, que estava no templo da Páz em Roma com desasseis filhos á róda por significação do numero dos covados, a que o mesmo rio sóbe na sua maior altura (68). A arte de cortar os mármores pelo que se colhe de Plinio, não se conheceo em Italia nos primeiros seiscentos annos da Fundação de Roma (69). Porém o Sagrado Livro do *Exodo* poem fóra de toda a duvida, que já em tempo de Moysés a sabião os hebreos, a quem por isso prohibio Deos o uzo de pédras cortadas na estructura dos altares que se lhe dedicassem (70).

Até de pédras preciosas vio e admirou a Antiguidade alguns simulacros de príncepes. Em tempos dos Ptoleméos trouxe o governador Filemon de huma ilha da Arabia habitada dos pyratas troglodytas, hum topazio de tão extraordinaria grandeza á rainha Berenice, que delle se fez a sua nóra Arsinoe huma estatua de quatro covados (71).

(67) Plin. Lib. XXXVI, cap. 5.

(67a) *Basanites* (XXXVI, II, III-IV), Littré, ed. cit.

(68) Plin. Lib. XXXVI, cap. 11.

(69) Plin. Lib. XXXVI, cap. 6.

(70) *Exod.* XX, 25.

(71) Plin. Lib. XXXVII, cap. 8.

No terceiro triunfo de Pompeo vio toda Roma entre outros muitos despojos de inextimável prego a cabeça do mesmo vencedor feita toda de pérolas e de outras pédras finissimas do Oriente. Néro mostrava como peça da ultima raridade hum retrato seo thoracado, que todo heia de hum jáspe de treze onças (72). Na praça de Trajano havia huma estatua de Augusto feita toda de alambre (73).

Passando já das pedreiras ás officinas do reino mineral, onde da mistura de diversos metaes, e principalmente da do estanho com o cóbre se prepara e funde o que chamamos bronze, para materia de tantos monumentos eternos, os melhoes e mais afamadas da Grécia são as de Délos, de Egina, e de Corinthe. Até na escolha do bronze havia emulação entre os grandes estatuarios. Myrão uzava do *eginctico*; Polycléto do *deliaco*. Do primeiro éra formado o boy, que em Roma estava no Campo destes animaes. Do segundo o Iuppiter, que no Capitolio se venerava com o magnifico e espantoso nome de *Tonnant*. O de Corinthe fez tão estimados e appetecidos vasos, que delle tomirão o nome, mais pela elegancia dos seus relevos e emblemas, do que pela preciosa mistura dos metaes, que muitos os preferião aos de puro ouro. E foi tãoobem neste particular tão desordenada e fera a paixão de Marco Antonio que, porque Cajo Verres se costumava jactar de que lhe não havia de ceder nesta parte do luxo romano, o mandou meter no numero dos banidos juntamente com Cícero, no funesto intéregno do *Triumvirato* (74).

A obra mais vasta que em bronze se tem visto até agora no Mundo, foi o colosso de Rhódes de setenta covados, dedicado ao Sol. Porque o Mercurio de Arvergne em França feito por Zenodóro em tempo de Néro, que algumas edições antigas de Plinio, como a de 1516, a Basiliense de 1535, a Parisiense de 1537 fazem de quatrocentos pés, he hoje assentado, por testemunhas das mais modernas e correctas, que não teve mais existência no Mundo que a que lhe derão os copiadóres ignorantes, que em lugar de

(72) Plin. Lib. XXXVII, cap. 2 e 9. «Nous avons vu un jaspe de quinze pouces de long, dont on fit une effigie de Néron portant cuirasse». (Plinio, ob. cit. ed. Littré, XXXVII, 37, p. 556).

(73) Borriquio, *Antiqua urbis Romanae Facies* cap. 10.

(74) Plin. ed. Littré, Lib. XXXIV, cap. 2.

escreverem: *Mercurio factó in civitate Galliae Arvernís per annos decem, H. s. CCCC manipretio*, como trazem a de Pariz *in usum Delphini*, e a de Leyda de Gronovio, puzerão assim: *Mercurio factó in civitate Galliae Arvernís per annos decem, pedum CCC, immansi pretio*, dando de altura a este colosso, o que devião dár de paga ao artifice. Quanto mais que do contexto de Plínio não consta que aquelle Mercurio fora de bronze, mas antes que fora de marmore (75).

Estatuas de prata e ouro, cuidarão alguns, que só se tinham visto em Roma dedicadas a Augusto. Mas he porque não sabião, que no referido triumpho de Pompéo se virão a estatua de rey Farneces de prata, e os coches de Mithridátes de prata e ouro (76). E que muito antes tinha posto o rey Bóccó no Capitolio a estatua de Jugurtha de ouro, entre os mais despojos das victorias de Sylla (76^a).

De tempos posteriores refere Trebellio Pollião na vida do segundo Claudio, que por consenso de todo o Império lhe foi dedicada na praça dos *Esporões* huma columna ornada de palmas, e sobre ella huma estatua de prata de mil e quinhentas libras, no Capitolio hũa de ouro de dez pés, no Senado hum escudo de ouro com a sua effigie (77).

Era costume antiquissimo esculpir em escudos de bronze os rostos de prata dos heroes, que delles tinham uzado na guerra, ou os de seus illustres maiores. E já nos primeiros séculos de Roma servião estes escudos de brazões de nobreza não só nos templos, mas também nas cazas; sendo os primeiros introductores desta glorioza ostentação Appio Claudio no anno da Fundação de Roma duzentos e cinquenta e nove, e depois d'elle Marco Emilio Lépidó (78). Na derrota do exercito dos cartagineses acharão-se alguns destes escudos todos de ouro, como também as effigies nelles gravadas. Macrobio faz menção do que na Asia se dedicou ao proconsul Quinto Cicero, irmão do grande orador do mesmo sobrenome (79).

(75) Plin. Lib. XXXIV. cap. 7.

(76) Plin. Lib. XXXIII. cap. 12.

(76^a) Plutarco nas *Vidas de Sylla e de Mario*.

(77) Trebell. en *Claud.* cap. 3.

(78) *Aerei pomuntur clipei, argenteae facies*. Plin. Lib. XXXV, cap. 2 e 3.

(79) Macrobi. *Saturnais*, Lib. II, cap. III.

Suetonio dos que forão dedicados a Caligula e a Domiciano (80). Nos quaes todos se vião esculpidas as imagens dos mesmos, a cuja honra se erigião. Daqui pois tiverão a que origem e o nome de *armas* os brazões de fidalguia da Európa mais moderna, como depois de Tiraquello e de Lipsio observa Casali no seo tractado *De Insignibus* (81). Porque também aos *escudos* chamavão no principio *armas* os latinos, como observa Saumaise nas notas de Trebellio Pollião.

Antes que concluamos a materia dos metáes, será bem tornarmos a entrar no officina de Zenodóro, para que á vista da summa difficuldade que elle achou em fundir delles huma estatua colossál de hum imperador romano empenhado nella, realce mais a arte e felicidade do engenheiro portuguez que em oito minutos mostrou fundida em Lisboa a estatua equestre d'ElRey nosso Senhor, sem que, pelo dizer assim, desmentisse o effeito nem ainda em huma unha, ou em hum cabelo, a certeza das suas combinações.

No mesmo lugar pois acima referido escreve Plínio, que depois de Zenodóro ter bem provado a sua arte em França, não só com a obra do Mercurio de Arvergne, em que gastou dez annos, mas também com a de muitos vazos de relevo que em náda se differencavão dos mais afamados de Corintha, o mandou chamar Nero a Roma, com o fim de lhe fazer huma estatua colossál, que na grandeza excedesse a quantas até alli se tinham visto naquella capital do Orbe. Abrio Zenodóro a sua officina, pôz mãos á obra com aquelle empenho, que se deve presumir da fama do artifice, e da grandeza do imperador que o convidára com summo appetite; fez primeiro modelo grande de barro; fez segundo de partes muito pequenas, que foi como amostra da obra, e em fim sahio com huma estatua de cento e dez pés de altura, a qual Vespasiano depois, em odio da memoria de Nero dedicou ao Sól.

Ouçamos agora o que mais faz ao nosso cazo, que he a reflexão do nosso historiador: esta estatua, prossegue immediatamente Plínio, deo de todo a conhecer que se tinha perdido a arte de fundir os metáes; sendo certo por huma parte, que Néro estava disposto a mandar aprontar tudo o que se lhe pedisse até de ouro e prata, e sendo certo por outra parte, que Zenodóro na arte

(80) Sucton. *Calig.* cap. 7. *Domic.* cap. 23.

(81) *Apud*. Tom. XII. das *Antiguidades Gregas* de Gronovio.

de modelar e relevar a nenhum dos grandes estatuários antigos era inferior. Porque no tempo que em França estava fazendo a estatua de Mercurio, mostrando-se-lhe dous cópos relevados de Cálamis, para fazer outros dous que sabissem bem parecidos, elle o executou com tanta facilidade que em nada se differenciavam huns dos outros. De sorte que quanto maior foi a habilidade de Zenodóro, tanto mais claramente se pôde conhecer o esquecimento em que estava a fundição dos metaes⁽⁸²⁾.

De todo este contexto de Plinio inferem justamente Nardini e Borriquio, que Zenodóro não se atrevendo a fazer de metal este colosso, como bem desejára Néro, o fez de mármore cedendo á difficuldade⁽⁸³⁾.

Como entre as grandezas de Roma antiga he muito celebrado este colosso de Néro, de que hoje só existe a memória, não será desagradável aos leitores referir dello o mais que Plinio omittio por haver succedido quasi tudo depois do seu tempo. Suetonio, que na vida de Néro dá a este colosso mais dez pés do que lhe dá Plinio, quando depois da vida de Vespasiano torna a fallar dello, diz precisamente, que Vespasiano dá um grande premio ao artifice que o refizéra⁽⁸⁴⁾. Donde também se confirma, que o colosso não éra de bronze, mas de mármore; pois o verbo *refazer* só he proprio nas obras que são capazes de ruina, e de dissolução ou desmancho de partes. S. Jeronimo conta com mais individuação, que o modo com que Vespasiano dedico o colosso ao Sól, fora tirando-lhe a cabeça de Néro, e substituindo outra rodeada de sete raios⁽⁸⁵⁾. Publio Victor na descripção do quarto bairro de Roma affirma que cada rayo era de doze pés. Neste estado o contempylava Marcial quando escrevia:

*Nec te delineat miri radiata colossi,
Quae Rhodium moles vincere gaudet opus*⁽⁸⁶⁾.

⁽⁸²⁾ Plin. Lib. XXXIV. cap. 7.

⁽⁸³⁾ Nardini *Roma Vetus* Lib. VIII. Borriquio *Vetus Romae Facies*. cap. 6.

⁽⁸⁴⁾ *Colossi refectorem insigni congiario, magnaue mercede donavit.* (Suet. in *Vespas.* cap. 19).

⁽⁸⁵⁾ *Hic Colossus erectus sub Nerone, refectus a Vespasiano, ac dempto capite Neronis, et solis adjecto cum septem radiis, soli dicatus est.* (S. Jeron. sobre o cap. 3 de *Habac.*).

⁽⁸⁶⁾ Marcial Lib. I. *Épigr.* 71.

Esparciano acrescenta que Adriano transferira o colosso da *Via Saera* onde antes estava para junto do amfiteatro, suspenso por huma máquina do architecto Detriano, que para facilitar a conducção lhe fez applicar vinte e quatro elefantes⁽⁸⁷⁾. Finalmente Lampridio refere, que Commodo tirando a cabeça que representava o Sól, e substituindo -a pela sua, apropriava a si este colosso com a inscripção do seo nome^(87 a). No que Commodo imitou a louca vaidade de Caligula, que como refere Suetonio, tirando das grandes estatuas as cabeças dos deoses, mandava pôr a sua⁽⁸⁸⁾.

Nem deve fazer duvida alguma, como se poderia trocár hũa cabeça por outra sem perigo ou deformidade de todo o corpo. Porque já o observou Scaligero⁽⁸⁹⁾. que as estatuas antigas tinham ordinariamente as cabeças e os braços amoviveis, e facéis de tirar, por serem de encaixe ou encravação de ferro ou de chumbo, como se mostra de algumas que ainda hoje existem, e como já no seo tempo o notava Tertulliano⁽⁹⁰⁾. E alguma vez bem succedia ser de mármore o corpo da estátua, e de bronze a cabeça. Assim he o colosso que ainda hoje se vé em Roma no Campo de S. Jorge. E também esta circumstancia faz sobresahir o merecimento do engenheiro portuguez que por inteiro soube fundir huma estatua de seicentos e setenta e tres quintaes.

⁽⁸⁷⁾ *Translulit Colossus stantem atque suspensum per Detriam Architectum ingenti molimine, ita ut operi etiam Elefantos viginti quatuor exhiberet.* Sparciano, na *Vida de Adriano*.

^(87 a) *Colossi caput rempsit, quod Neronis esset, et suum imposuit et titulo more solito subseripsit.* Lampridio, na *Vida de Commodo*.

⁽⁸⁸⁾ Sueton. in *Calig.* cap. 22.

⁽⁸⁹⁾ Scaligero a Suetonio da edição de Bumanno, no lugar acima referido.

⁽⁹⁰⁾ Tertulliano no *Apologetico* cap. 12.

CAPÍTULO IV

DA FORMA DAS ESTATUAS, DOS SEOS TITULOS OU INSCRIÇÕES,
DAS SUAS INSIGNIAS, EMBLEMAS E ORNATOS. TRATA-SE COM ESPE-
CIALIDADE DAS MERCURIAES E COLOSSAES

As estatuas podem-se considerar, ou por ordem á postura do corpo, ou por ordem ao traje, ou por ordem á grandeza. Por ordem á postura humas erão de pé, que por isso se chamavão *pedestres*; outras a cavallo, que por isso se chamavão *equestres*; outras em carro, que por isso se chamavão *curules* ou *triumfâes*: outras sentadas. Na classe das *pedestres* devem ter o primeiro lugar por mais antigas, e como primigenas, as estatuas *mercuriâes*, que fãobem se chamavão *hermas*, por se parecerem com as de Mercúrio, que não tinham pés nem braços, e em que o tronco do coir, o servia como de columna ou baze, sobre que se sustentava a cabeça. *Truncoque simillimus Hermæ*, disse Juvenal.

Esta especie de estatuas tão simples, e tão informes, foi nos primeiros séculos da Grécia civilizada o premio ordinario dos que mais se distinguão no serviço da Republica, como he notorio dos escritos de Platão, Esquines, Demósthene, Plutarco, e outros⁽⁹¹⁾.

Entre os latinos he celebre o lugar de Cornélio Nepote na *Vida de Alcibiades*, onde escreve que huma noite apparecerão derribadas todas as hermas que havia em Athenas.

(91) *Inscripta est statua ejus Mercurialis, edisserens quod in media urbes populoque steterit.* Platão no seu *Hipparco*. *Hermæ erant lapides Mercurii sacri solo vultu. Inscriptio erat in basi, quæ data benemeritis: ut his, qui ad strymonem fluvium vicerant Medos.* Esquines na Oração contra Ctesifonte. *Apud maiores nostros, qui eos bonis operibus multis demeruerant, inscriptionem in Herma accepere.* Demósthene na Oração contra Leptines. A estes se deve juntar Plutarco nos *Preceitos Politicos*; Pausanias nos *Atticos* e nos *Focios*, onde descreve as Hermas de Isócrates e de Homéro, Procracião no seo *Lexico V. Herma*, onde menciona a que se pôz a Agamemnáo.

O Thezouro das *Antiquidades Gregas* de Gronovio no Tomo II. e no III. offerece aos leitores grande copia destas *hermas*, tiradas dos museos do Grão Duque de Toscana, do Cardeal Farnesi, de Fulvio Ursini, e de outros antiquarios; humas inteiriças, como as de Heraclito, Thucydides, Heródoto, Isócrates, Aristófanes, outras degoladas, como as de Homéro, Lysias e Menandro.

Fallando já das estatuas pedestres regulares, he certo que ellas entre os romanos erão no principio de grande authoridade. Pois sabemos, que com ésta honra costumava então a Republica consagrar a memoria, dos que contra o direito das gentes erão mortos nas embaixadas, como succedeo a Tullio Cellio, a Lucio Rossio, a Publio Junio, a Tito Coruncano, a Caio Octavio ⁽⁹²⁾. E a primeira estatua de bronze dourado que se vio em Roma, em toda a Itália, foi a que Acilio Glabrião pôz a seo pay no templo da Piedade, no anno de Roma quinhentos e setenta e dous ⁽⁹³⁾. A Idade Media chamava a estas estatuas douradas estatuas *sub auro*, ou estatuas *auro illustres*.

Porém depois que se permittio aos particulares pôr estatuas a quem quizessem na Corte, e fóra da Corte, depois que a lizonja e dependencia dos clientes começo em obsequio dos patronos a fazer de cada eaza huma praça, virão-se obrigados os que tinham a seo cargo a decencia e decóro publico, isto he, os censóres de Roma, a hir á mão ao abuzo que grassava, mandando derribar e tirar da Praça todas as estatuas, de que se não provasse que tinham sido postas com authoridade legitima ou do Senado, ou do Povo. E ainda depois deste tempo gritava e se queixava o velho Catão, de que nas provincias de levantavão estatuas até as mulhéres ^(93 a). Em fim pelo decurso dos tempos foi crescendo em Roma de tal sorte o numero das estatuas que Augusto vendo atulhada dellas a praça antiga, julgou conveniente transpór as mais dignas para outra que fez de novo. E estas forão as que derribou Caligula ^(93 b).

(92) Plin. Lib. XXXIV. cap. 6.

(93) *Hoc a Romano Populo tribebatur injuria caesis.* (Val. Max., Lib. II, cap. 5).

(93 a) *Excepta res est toto orbe terrarum humanissima ambitione. Et jam omnium municipiorum Foris statuæ ornamentum esse coepere. Mox Forum et in dominis privatis factum atque in atrijs. Honos clientum instituit sic colere patronos.* (Plin. Lib. XXXIV, cap. 4).

(93 b) Sueton. in *Calig.* cap. 34.

Sucedeo nesta parte aos romanos, o que muito antes se tinha já visto em Athenas, onde o excesso da vaidade chegára a tanto, que só a hum Demetrio Falereo depuzerão trezentas e sessenta estatuas, que tantos erão os dias de que constavã o anno atheniense. Mas foi couza memoravel, que passados poucos tempos todas o Senado mandou despedaçar⁽⁹¹⁾.

Em tempo dos imperadores christãos liberalizarão-se mais que nunca as estatuas aos particulares. Era ésta huma honra ordinaria não só dos grandes magistrados, mas tão bem dos homens sábios. Della gozarão o prefeito Symmaco, o retorico Victorino, o poeta Claudiano, e Sidonio Apollinário.

As equestres erectas em honra dos particulares sempre forão mais raras, e por isso mais estimadas. Nos princípios da Republica forão sem duvida ou os primeiros, ou dos primeiros que logrãrão esta honra, Horacio Cóeles e a vestal Clélia; hum por ter disputado elle só a todo exercito de Porsena a passagem da ponte Sublicia; outra porque na mesma occasião fugio do campo dos inimigos passando a cavallo o Tybre. Depois a tiverão tãobem os consules Camilo e Menio, e alguns outros até Pompéo.

No tempo dos imperadores foi raro o que não teve estatua equestre; raro o que só teve huma. Augusto no monumento de Ancyra entre pedéstre, equéstre, e triumpháes de prata, conta oitenta que lhe puzerão varios particulares. Seos nétos Caio e Lucio, filhos de Marco Agrippa, tãobem tiveram de humas e outras em Pisa, da mesma matéria. Tito dedicou huma a Britannico, que era de marfim. Plínio no seo *Panegyrico* louva a moderação de Trajano, porque não consentindo outros imperadores que se lhe dedicassem estatuas, que não fossem de ouro ou de prata, elle se contentou sempre com as de bronze, de que forão antigamente as de Bruto e de Camillo.

Forão muitas as estatuas equéstrs de Trajano. Entre ellas huma colossál sobre a columna, de que hoje só résta a cabeça. Outra menor na mesma praça do seo nome, da qual escreveu Marcellino, que nunca os olhos se fartavão de a ver. Das que hoje existem inteiras no Capitolio, conféssão todos os intelligentes, que a de Marco Aurélio é obra, a que náda faltou de arte e de primor. O mesmo julgão da célebre cabeça de Caracalla. Não

(91) Plin. Lib. XXXIV, cap. 6.

acho porém que digam o mesmo da estátua equestre de Alexandre Severio, nem das de Constantino, e de seos filhos.

As curules ou triumpháes, adverte Plínio Maior que forão invento mais modérno, que os romanos como tudo o mais, aprenderão dos gregos. Que as de cárrro, a dous ou a quatro cavállos, erão proprias dos que pelas suas victorias tinhão merecido a honra de triumpho publico. Que das de cárrro a seis, ou com elefantes, forão as de Augusto as primeiras em Roma⁽⁹⁵⁾. Ainda hoje se diviza em algumas medálhas suas o cárrro de quatro elefantes, e Augusto sentádo nelle com hum ramo de louro na mão, e por cima a letra: DIVO AUGUSTO S. P. Q. R. Assim no-la descrevem *Ursini* e *Satin*. A mesma honra depois de mórtá tributou Claudio á Imperatriz Livia espoza de Augusto, como lenos em Suetónio⁽⁹⁶⁾. As medálhas de Trajano, que aponta Schwarzte nos *Prelegómenos* ao *Panegyrico de Plínio*, tão bem representão este imperador no carro triumphante com a mesma insignia do louro na mão. Capitolino no fim da *Vida dos Maximinos* refére o decreto do Senado, que mandava dár a mesma honra de estatua e carro com elefantes a Maximo, Balbino e Gordiano.

Estas são as estatuas, que Juvenal descreve quando diz:

...*Juvis enim stat currus aheneus, alti | Quadrivuges in vestibulis,*
atque ipse feroci | Bellatore sedens curvatum hostile minatur | Eminus,
et statua meditatatur praelia lusea^(96 a).

E outra vez:

Et stantis in curribus Aemilianos^(96 b).

Frigeli no tratado *De Statuis Illustrum Romanorum*, e Schuvarzte nas notas ao *Panegyrico* de Plínio, dão por certo, que a postúra ordinaria das estatuas dos deoses e dos príncipes, principalmente depois das suas apothéoses ou canonizações, era a de sentados, o que ambos confirmão das medalhas de Julio César, de Augusto, de Livia, e de outros que na sua collecção publicou Goltze⁽⁹⁷⁾. Eu leio, sentado no Capitolio a Juppiter; que por isso

(95) *Serum hoc, et in his non nisi a divo Augusto sejuges, sicut et elephantí.* (Suet. in *Claud.* cap. XI).

(96) Sueton. in *Claud.* cap. XI.

(96 a) *Juvenalis Saurae*, VII, v. 125-8.

(96 b) *Id.*, VIII, v. 3.

(97) *Frigel*, cap. 32. Schuvarzte, cap. 52.

os que triumphavam, lhe depunhão no regaço o ramo de louro, que por insignia das victorias tinhão levado na mão, como he manifesto de Plinio no livro XV. cap. 30. e como de outros muitos lugares de poetas e historiadores confirma Jureto nas notas a Symmaco ^(97 a). Leio, sentado no templo de Bruto Galego, o Marte colossal de Escópas. Sentada nos jardins de Servilio a Vesta do mesmo Escópas. Sentada, no pórtico de Metélo, Cornelia may dos Gracos. Porem Plinio que observou sentadas estas estatuas, este mesmo deixou advertido que em Athenas estava em pé a Minerva de Fidias; em Roma no Pantheon tãobem em pé o Hercules, que tinha vindo de Carthágo. ⁽⁹⁸⁾ E de tantas estatuas de deoses, que hoje se admirão em Florença no palacio e galerias do Grão Duque, e de que o celebre *Gori* nos offerece as chapas no tomo III, do seo *Museo Florentino*, só ache sentado o Bacco da taboa XLIX.

Por ordem ao traje, era do caracter grego não cubrir nada nas estatuas. E as que elles chamavão *aquilleas*, de lança na mão, erão tiradas ao natural da paléstra dos luctadores, que como he notorio se exercitavam nus ⁽⁹⁹⁾. Os romanos pelo contrario costumavão vestir as suas de tóga, algumas vezes sem túnica por baixo. Assim estava Romulo e Camillo na praça dos Esporões. Assim se mostrão ainda hoje no palacio dos Grãos Duques de Toscana as estatuas de marmore de Sulla dictador sentado, e de outros cinco varões consulares em pé, com as tógas pregueadas e de muitas vóltas, como no-las representa *Gori* no mesmo tomo III do *Museo de Florença*, nas táboas LXXXII. LXXXIII. LXXXIV e seguintes; como tãobem na táboa XCI, a estatua de hum nobre menino romano togada e bullada, isto he de medálha ao peito. A tóga matizada de lavoures, e a túnica ornada de palmas, erão das insignias mais notaveis dos triumphos ⁽¹⁰⁰⁾. Scipião no Capitolio estava de manto e de chinellas ⁽¹⁰¹⁾ Julio Cézar na praça do seo nome estava montado a cavallo com sayo de

^(97 a) Jureto a Symmaco Lib. X. Epist. 22.

⁽⁹⁸⁾ Plinio Lib. XXXIV. cap. 8. e Lib. XXXVI. cap. 5.

⁽⁹⁹⁾ *Graeca res este nihil celare. Contra Romana ei militaris thoracis addere.* (Plin., Lib. XXXIV, cap. 5).

⁽¹⁰⁰⁾ Livio Lib. XXXIII, cap. 15 e Val. Max. Lib. III, cap. 6.

⁽¹⁰¹⁾ Val. Max., Lib. III, cap. 6.

málha. Trajano na sua praça tinha manto imperial, peito d'armas, e bótas; globo de ouro na mão direita, sceptro na esquerda ^(101 a).

Era o sceptro já desde o tempo da Republica insignia do Imperio; e o que levavão nos triumphos os vercedores, era de marfim com huma aguia em cima ^(101 b). Patin entre as medalhas de Augusto do seo *Museo* produz huma de cõbre, em que perfeitamente se diviza huma meia tóga matizada fóra do corpo, a coroa de louro, e o sceptro com a aguia, e por cima a letra: S. P. Q. R. PAR. CONS. SUO. Isto he, *Parienti conservatori suo*. Tanto por ser o louro symbolo da victoria, como para se conservar a memoria do ramo desta arvore, que segundo era fama em Roma, lançára em certa occasião huma aguia no regaço a Livia, estando já ajustada para espoza de Augusto, costumou o mesmo Augusto, e costumarão depois delle os mais imperadores, levar nos triumphos hum ramo de louro na mão e coroa do mesmo na cabeça ⁽¹⁰²⁾. Por symbolo da victoria ja antes de Augusto tinha o senado romano concedido a Julio Cézar a grande e extraordinaria honra de poder trazer sempre na cabeça coroa de louro ^(102 a). E muito antes deste tempo tinha Annibal coroado de louro o cadaver de Marcello ⁽¹⁰³⁾.

Das pessoas porém se comunicou esta honra ás estatuas, a exemplo da com que o povo Romano cingira a do mesmo Julio Cézar ⁽¹⁰⁴⁾. Taes erão as estatuas dos antigos herões romanos, que na sua praça collocou Augusto. Suetonio as chama *triumfáes* ⁽¹⁰⁵⁾. Tacito fallando de outras semelhantes lhes dá o nome de *laureadas* ⁽¹⁰⁶⁾. Nas medálhas não ha couza mais frequente que a coroa de louro nas cabeças dos Césares.

^(101 a) Chacon *Historia utriusque Belli Dacici a Trajano Caesare gesti, etc.*

^(101 b) Juvenal nas suas sátiras: *Da Nunc et voluerem, sceptro quae surgit eburno.*

⁽¹⁰²⁾ «*Ex ea triumphans postea Caesar, laurum in manu tenuit, coronamque capite gessit: ac deinde imperatores Caesares cuncti.*» (Pl. Lib. XV, 40).

«*Dans la suite, Auguste, triomphateur, tint dans la main une branche de ce laurier, et en porta sur la tête une couronne: tous les empereurs ont suivi son exemple*» (Trad. Littré, p. 565, vol. D).

^(102 a) Sueton. in *Julio* cap. 45.

⁽¹⁰³⁾ Val. Max. Lib. V. cap. 1.

⁽¹⁰⁴⁾ Sueton in *Julio* cap. 79.

⁽¹⁰⁵⁾ Sueton. in *Augusto* cap. 31.

⁽¹⁰⁶⁾ Tacito *Annal* Lib. IV. cap. 3.

Porém assim como a coroa de louros era insignia de vencedor e de triunfador, também a coroa de raios dourados, que igualmente se observa em muitas estatuas e medálias, era symbolo da magestade dos príncipes e da divindade que os gentios attribuíam aos seus, principalmente depois de mortos. A este raios alludio Virgilio, quando fallando do rey Latino diz assim:

Ingenti mole Latinus Quadrijugo vehitur curru, cui tempora circum Aurati bis sex radii fulgentia cingunt ⁽¹⁰⁷⁾. Estes entendeo Floro, quando entre as insignias de Julio César descreve a coroa cercada de raios ⁽¹⁰⁸⁾. Estes Suetonio na coroa radiada de Augusto ⁽¹⁰⁹⁾. Estes Plinio na cabeça radiada de outros Imperadores ⁽¹¹⁰⁾. Estes Mamertino no *brilhante circulo* que ornava a de Maximiano. (Mamertino, in *Panegyrr. Maxim.*) Estes finalmente significavão aquelles bicos prominentes, que ainda hoje se descobrem nas medálias de Tiberio, de Néro, de Vespasiano, que tráz *Patín*; na de Trajano que produz *Beger*; nas de Décio e Próbo que tráz *Gori*; nas coroas dos nossos e de outros reys antigos.

A éstas coroas radiadas succedeo em tempo dos imperadores christãos aquelle chuveiro resplendente, de que nas suas medálias se vêm cercadas as cabeças de Constancio, de Constante, de Theodosio Moço, e de outros, que vio *Ducange* na *Dissertação das medálias da Idade Inferior*.

Por ordem á grandeza, dá Filandro e Gaurici esta regra: que estas estatuas dos homens illustres fossem de estatura ordinaria; as dos príncipes e heróes mais que ordinaria; as dos deoses colossal. Porém a lição dos antigos, e a experiencia do que ainda hoje se observa em muitas dos primeiros séculos, mostra que nesta parte não havia regra certa e fixa. Porque Plinio claramente affirma, que nos princípios da Republica Romana era a estatua de tres pés a medida honrada das estatuas, a respeito dos homens illustres: *Non omittendam videtur, quod Annales annotavere; tripedaneas his statuas in Foro statutas. Haec videlicet mensura honorata*

⁽¹⁰⁷⁾ Virgil., *Aeneid.* XII, 161-163.

⁽¹⁰⁸⁾ Flor. Lib. IV, cap. 2.

⁽¹⁰⁹⁾ Sueton in *Aug.* cap. 94.

⁽¹¹⁰⁾ Plin. in *Panegyrr.* cap. 52.

tunc erat ⁽¹¹¹⁾. - E desta mesma altura he o Iuppiter, que foi do cardinal de Medicis. Pelo contrario a celebre Niobe, e as Sabinas do mesmo cardinal, excedem duas alturas de qualquer mulher ordinaria. E a estatua de Alexandre Magno montado no seo Bucéfalo he mais alta que muitas colossaes dos deoses.

A maior estatua que vio o Mundo, foi o colosso de Rhódes feito de bronze, que representou o Sól, obra de Caes de Lydia, discípulo de Lysippo, que nella gastou doze annos, e por ella levou trezentos talentos. Tinha de altura setenta covados. Cada dedo seo era maior que qualquer grande estatua. O pollegár poucos erão os que o podião abarcar. Sincoenta e seis annos depois de feito e erecto, cahio com hum terremoto; e assim prostrado foi por muito tempo huma das sete maravilhas do Mundo. Havia na mesma ilha mais cem colossos menores. Depois deste o maior que se refere, foi o de Néro feito de pédra, de cento e dez pés, ou como quer Suetonio, de cento e vinte ⁽¹¹²⁾.

Em tempo de Alexandre Magno houve architecto tão vaidoso, que se offerceco a fazer do Monte Athos hum colosso, que figurasse o mesmo Alexandre, sustentando nas duas mãos duas grandes cidades. Vitruvio, na prefacão do Livro segundo, refere mudamente esta empreza sem duvida original de Dinócrates, (que este era o nome do architecto) celebre por isso também nos escritos de Estrabão, Plutáreo e Luciano.

A Minerva de Fidias em Athenas, que era de marfim, tinha vinte e seis covados. No ovádo do broquel via-se de relevo de ouro a guerra dos deoses com os gigantes; nos chapins a dos lápithas e centauros; na baze o nascimento de vinte deoses. O Iuppiter de Olympia, também de marfim, e obra da mesma mão, he constante que tocava quasi no tecto; de sorte que erão precisas grandes maquinas e escadas altissimas para lhe chegar acima ⁽¹¹³⁾.

Na ilha de Samos havia tres colossos sustentados todos em huma mesma baze, obra de Myrão de Lyeia, hum Iuppiter, huma Minerva, e hum Hércules, levando-os da hi para o Egypto Marco

⁽¹¹¹⁾ Plin. Lib. XXXIV, cap. XI, 3. «N'omettons pas ce qui est noté dans les *Annales*, que ces statues élevées dans le *Forum* avaient trois pieds: c'était alors la dimension en honneur». (Trad. Littré, vol. II, p. 433).

⁽¹¹²⁾ Plin. Lib. XXXIV, cap. 8-6.

⁽¹¹³⁾ Plin. Lib. XXXIV, cap. 5. Sueton. in *Calig.* cap. 57. Estrabão Lib. VIII.

Antonio, que com estes presentes costumava lisongear a sua Cleópatra; Augusto restituiu á mesma base o Hercules e a Minerva; e trouxe para o Capitolio o Iuppiter ⁽¹¹⁴⁾. Eufrañor fez colossáes a Virtude e a Grecia. Outro o Nilo e o Tybre.

Em Roma conta Publito Victor trinte e sete colóssos de bronze, e sincoenta e hum de mármore ⁽¹¹⁵⁾. Entre este era o Apollo que estava no Capitolio, trazido por Lucúlio de Appolonia do Ponto, de trinta covados, por quem derão ao artífice cento e sincoenta talentos. O outro Apollo de bronze de sincoenta pés, feito na Toscana, e posto na biblioteca que Augusto lhe dedicára ⁽¹¹⁶⁾. Deste ainda hoje se mostra a cabeça, que tem oito palmos não perfeitos desde o alto da moleira até a extremidade da barba.

É como segundo as regras da proporção, que dá Vitruvio, ⁽¹¹⁷⁾ he a cabeça a oitava parte do corpo; discorre daqui Nardini, que toda a altura devia ser de secenta e dous palmos ⁽¹¹⁸⁾. Pela mesma razão como a cabeça de Trajano que no século décimo sexto conserváva no seo palacio o cardeal dela Valle, tinha por testemunho de Affonso Chacon dous pés e quatro onças; infere dahi Fabretti, que todo o corpo devia ser de dezoito pés ⁽¹¹⁹⁾.

Esparciano na *Vida de Adriano* conta, que por todo o Mundo mandára este imperador levantar estatuas colossáes a Elio Véro. Lampridio na *Vida de Alexandre Severo* igualmente attésta, que na praça de Nerva puzera Alexandre as estatuas colossáes de todos os imperadores canonizados, com magnificos titulos gravados em columnas de bronze.

Estes titulos nos conduzem já a contemplar as bases das estatuas. Duas cousas as fazião espectaveis: as inscripções, que crão os titulos e, os emblemas que lhes servião de ornato e de pompa. Os titulos declaravão o nome de quem era a estatua, o motivo porque a merecera, e o nome de quem lha dedicára. Com o nome de quem era a estatua, se declaravão tãobem os ascendentes

⁽¹¹⁴⁾ Strabão Lib. XIV. cap. ...

⁽¹¹⁵⁾ Anda no quarto tomo das *Antiguidades Romanas* de Grevio, pag. 1433.

⁽¹¹⁶⁾ Plin. Lib. XXXIV. cap. XVIII, 1, 4. Plinio afirma q. o Apolo de Apolónia custou 500 talentos (e não 150).

⁽¹¹⁷⁾ Vitruvio Lib. III. cap. 1.

⁽¹¹⁸⁾ Nardini, *Roma Vetus* Lib. VI, cap. 14.

⁽¹¹⁹⁾ Fabretti nas Notas á *Guerra Dacica* de Chacon.

illustres, e os cargos honorificos que tinham servido. Plinio o observa das estatuas da gente Appia no templo de Bellona ⁽¹²⁰⁾. Suetonio das estatuas de Galba ⁽¹²¹⁾.

Dião Chrysostomo, no seo *Rhodiaco*, nota e reprehende o abuzo, que se tinha introduzido entre os rhódicos, de appropriarem a hum as estatuas dos outros, por meio da mudança dos nomes. E dos atticos de Pausanias se fáz manifesto, que com igual abuzo appropriárão os athenienses a estatuas de Miltiades a hum romano, a de Temistocles a hum da Thracia.

No motivo entrávão as acções memoraveis do sogetto, como nas estatuas de Tito que no seo tempo se conservavão ainda na Alemanha e na Graã Bretanha, observa o mesmo Suetonio ⁽¹²²⁾. No nome de quem dedicava a estatua, era ordinario declarar, se a tál estatua tinha sido despojo de alguma victoria, se tinha sido dedicada por authoridade publica, se á custa de alguma corporação ou de algum particular. Assim se praticou na dedicacão da estatua de Hercules, que estava nos *Esporões*, (Plinio, XXXIV, 19: *Iuxta Rostra...*) declarando-se que Lucúlio a conquistára dos inimigos, que seo filho por ser ainda pupillo, a dedicára por authoridade do Senado, e que por deligencia do almotacel (*) Tito Septímio Sabino fora restituída ao publico ⁽¹²³⁾.

Se a despeza da obra se tirava das contribuições de alguma commuidade, era fraze do estilo dizer, que a obra se fizera STIPE COLLATA, ou AERE COLLATO. Não ha couza mais frequente nos mármores antigos, como a outro intento mostrei já copiozamente nas minhas *Observações sobre a Lingua e Orthografia Latina*, Observação LXXVI. Aqui só descreverei uma destas inscripções, que traz Bellori nos *Vestígios de Roma Antiga*,

⁽¹²⁰⁾ Plin. Lib. XXXV. cap. III: *Appius Claudius... Posuit enim in Bellonae aede majores suos: placuitque in excelso spectari, et titulos honorum legi.*

⁽¹²¹⁾ Sueton. in *Galba*, cap. 2: *statuarum titulis proneporem se Quinti Catuli Capitolini semper adscripserit.*

⁽¹²²⁾ *Tribunus militum et in Germania, et in Britannia meruit summa industria, nec minore modestia et fama, sicut apparet et statuarum et imaginum ejus multitudinem, ac titulis per utramque provinciam.* (Suet. in *Tito*, cap. 4).

(*) Almotacel = *edil curul*

⁽¹²³⁾ *In hac tres sunt tituli: L. Luculli imperatoris, de mambis: alter, pupillum Luculli filium ex S. C. dedicasse: tertius, T. Septimium Sabinum.* (Plin. Lib. XXXIV, cap. 8).

taboa XVI, pósta sobre hum arco do tempo de Tibério, que confirma nobremente tudo o referido (123 a).

Plebs. Urbana. Quinque. Et
Triginta. Tribunal.
Germanico Caesar
Ti. Augusti. F
Divi. Augusti. N
Auguri. Flamini. Augustali
Cos. Iterum. Imp. Iterum.

AERE COLLATO.

É para que se não cuide, que as duas formulas STIPE COLLATA e AERE COLLATO, só se achão nas lapidas, temos a primeira também em Plínio (Lib. XXXIV. cap. 5) (?), a segunda também em Suetonio na *Vida de Augusto*, cap. 59.

O nome *DIVUS* tanto nos mármores, como nas medalhas, como em outros quaesquer monumentos, era argumento certo e infallivel da canonização do imperador a que se attribuia, e, consequentemente, de ser já morto naquelle tempo. He ponto em que concordão todos os antiquários (124), e expresso em Tacito, que assim mesmo o observa nos *Annões* (125).

O nome do artifice também era do costume gravar-se na baze, ou ainda em algum elazo das mesmas estatuas. Plínio o advertio das de Bupalto e Anthérmo; e das que Fidias permittio que sabissem em nome de Agoraerito seo discipulo (126). O mesmo observa Gori do Hércules colossál de Florença, que em caractéres gregos antigos aponta o nome de Lysippo. Mais antigo que Plínio o notou Cicero na *Verrina IV*, fallando de Apollo de Myrão, que se venerava em Agrigento. Quando estes e outros authores o não observassem, bastaria reflectir em que de outra sorte seria impos-

(123 a) Bellori no fim do Tomo Quarto das *Antiquidades Romanas* de Grevio.

(124) Veja-se Jureto nas notas a Symmaco, Lib. III. Epist. 63. Sobre as palavras do texto *Domini Valentianiani*, Schwartze nos *Prolegom.* ao *Panegy.* de Plínio III et IV).

(125) *Deum honor Principi non ante debetur, quam esse inter homines desierit.* (Tacito, *Annal.*, Lib. XV).

(126) Plin. Lib. XXXVI, cap. 4-6.

sível que se conservasse por tantos séculos a noticia de que erão de Fidias, quaes de Alcámenes, quaes de Polyeleto, quaes de Praxiteles, quaes de Myrão, quaes de Eufranor, quaes de Lysippo. Como porém de muitas estatuas se não sabia de certo o authór, he também innegavel que nem todos declaravão os seus nomes; e se os declaravão, era por ieroglyphicos, que nem todos entendião. Assim o fizerão os dous famosos architectos da Laconia, Saurão e Bátraco, que não lhes consentindo darem-se elles a conhecer por authores dos oratorios de mármore, que em Roma se vião nos pórticos de Octavia, deixarão esculpidas entre as rosas das colunas varias raãs, e varias lagartixas, que erão as emprezas que se tinham appropriado (127). Ptolomeu porem rey do Egypto nenhum reparo fez, em que Sóstrato de Gnido gravasse o seo nome no farol de Alexandria.

Os emblemas que servião de ornato e de pompa ás grandes estatuas, erão como as figuras de Dario e de Thisafernes no exercito dos persas, que com a descripção da batalha de Marathona estavão fazendo corte em Athenas á imagem de Milcíadeo vencedor. Erão como as provincias debelladas, que se observã nas medálias dos antigos imperadores, com os symbolos de cada huma: nas de Augusto, o Egypto, com os seus crocodilos, e a Armenia com as suas aljavas e sétas; nas de Vespasiano, a Judéa chorando com as suas palmeiras; nas de Trajano, a Dacia montuoza com o baírete de que uzavão os naturaes. Erão como no arco de Tito a trombeta que annunciava o jubileo, as mezas e candieiros do templo de Jerusalem; erão como os outros anaglyptos ou meios relevos, que na baze da estatua equestre de Trajano representavão a Dacia com os seus montes e bósques; o Danubio coroado de folhas de canna; os Sármatas com os seus thorazes de bronze cheios de escamas; a Aurora significando o tempo da batalha; a falla do Imperador aos soldados; os régulos cativos; o triumpho; e tudo o mais que nesta expedição se passou. Erão como os outros que na baze da estatua equestre de Antonino Pio representavão por semelhante modo as suas expedições e

(127) Plin. Lib. XXXVI, cap. 4-28. Plínio refere-se apenas a uma raã e a uma lagartixa... *Sunt certe etiamnum in columnarum spiris inscaepia nominum eorum argumento lacerta atque rana*

victórias; entre ellas o exercito romano sequiozo, e a chuva impetrada do Céu pelas orações da Legião Christãa, que nelle militava na guerra contra os marcomannos. Erão finalmente como as treze nações vencidas, que cercavão a estatua de Pompeo, obra do architecto Coponio em hum só mármore; e como os dezasseis meninos, que se vião brincando junto ao Nilo do templo da Páz de Vespasiano, em argumento dos dezasseis covados de altura, a que o mesmo rio sóbe nas maiores cheias; tudo tãobem em outro mármore da Ethiopia que chamão *basalte* ⁽¹²⁸⁾.

Não he alheio deste lugar huma estatua symbolica feita por Iticrates, em que a severidade dos athenienses mostrou igualmente a sua circumspecção pela decencia, e o seo agradecimento a huma acção heroica, de quem só se podiam esperar baixezas. Huma prostituta por nome Leoa, de quem Hermodio e Aristogitão erão apaixonados, teve o valor de sofrer antes a morte, do que descobrir ao tyranno os intentos que, a favor da liberdade da Republica, trazião os dous entre mãos. O Senado por evitar a indecencia de pôr junto ás estatuas dos seus libertadores a de huma concubina de tão baixa esféra, tomou o discreto expediente de mandar fundir de bronze huma leoa; e para significar o motivo e espirito da acção, advertio ao artifice que a fundisse sem lingua ⁽¹²⁹⁾.

⁽¹²⁸⁾ Plin. Lib. XXXVI, cap. 11-3.

⁽¹²⁹⁾ Plin. Lib. XXXIV, cap. 19-23.

CAPÍTULO V

DOS ESTATUARIOS MAIS INSIGNES DA GRECIA; DO TEMPO EM QUE MAIS OSTENTARAO A VALENTIA DA ARTE, ASSIM EM BRONZE, COMO EM MARMORE

Tanto a estatuaria, como a pintura, ambas se pode dizer que conseguirão a sua perfeição naquelle periodo de tempo, que mediou entre a vida de Fidias e a de Lysippo, que foi periodo de cem annos. Tudo o que nelle se trabalhou e forcejou por adiantar e aperfeiçoar estas ditas bellissimas e nobillissimas artes, logrou Alexandre Magno junto na Grécia, para ficar o seo reynado igualmente nobilitado de proezas, e de quem nos marmores e nos bronzes as soubesse eternizar. Nesta época se inclue tudo o que o engenho e emulação dos artificez produzio para assombro do Mundo. Nelle se alcansarão e se forão vencendo hũns a outros, entre os estatuarios os Fydias, os Polycletos, os Mirões, os Escópes, os Briaxes, os Praxiteles, os Eufranores. Entre os pintores, os Timantes, os Prótogenes, os Zeuxes, os Apélles. Como na prezente dissertação só tomámos por assumpto a estatuaria, das suas obras somente tratará este capitulo, segundo os descreve a *Historia da Natureza e da Arte no Livro XXXIV. cap. 8. e no Livro XXXVI. cap. 5* ^(129 a).

Fidias natural de Athenas, vivia como já notámos em outra parte, na Olimpiada octogesima terceira, que são quatro centos e quarenta e quatro annos antes da nõssa era vulgar. Celébrãose com especialidade entre as suas obras em marfim o Juppiter de Olympia, que ninguem soube nem ousou imitar, e a Minerva

^(129a) Refere-se à *História Natural* de Plínio (XXXIV, cap. 19, XXXVI, cap. 4 e segs.).

de Athenas que era de vinte e seis covados. Em bronze, outras duas Minérvas, huma que por antonomasia se chamava a *Formosa*; outra que se venerava em Roma no templo da Fortuna; hum colósso nu, e huma das amazonas do templo de Dianna de Efeso. A elle se attribue o descubrimento da toreutica ou *anaglyptica*, que he a arte dos baixos relevos. Teve por discipulo entre outros a Alcámenes, tão insigne em obras de mármore, como nas de bronze.

Proximos a Fidias florescerão na olimpiada octogesima setima, Agélides, Polycléto, Myrão, Pythagoras. Depois, na Olympiada centesima, Escópas, Briaxes, Timatheo, e Leócares. Depois na olympiada centésima quarta, Praxiteles e Eufranor. Depois, na olympiada centesima decima quarta, Lysippo. Depois na olympiada centesima vigésima, seos tres filhos Lahippo, Bêda e Eutychrates.

Polycléto natural de Sicyonia e discipulo de Agélides, fez o Hercules que se via em Roma, levantando da terra e sustentando na mão a Anteo gigante; o Mércurio de Lysimaquia; as Canéforas de Athenas, que erão as donzellas de Ceres; e os dous meninos nus jogando os dados, que se conservavão no Atrio de Tito, obra neste genero consummadissima. Este foi o primeiro que inventou susterem-se as estatuas em hum pé.

Myrão natural de Lycia, e discipulo também de Agélides, foi o que introduzio na arte mais variedade, e cuidou mais em observar a symmetria dos corpos, ainda que não chegou a exprimir os sentimentos do animo. Delle se celebrão os tres colóssos de Samos, firmados todos tres em huma só baze: Juppiter, Minérva, e Hércules. Outro Hércules que traduzido a Roma se collocou no templo de Pompeo. Hum Apóllo que Marco Antonio levou de Efeso, e que Augusto restituiu. Huma velha tomada do vinho, em Elnyria. A novilha de Athenas, que Cicero adverte que era de mármore. Hum *Discobolo*, ou homem atirando com um prato. Hum satyro em acção de admirar as suas pernas. E os *Pentathlos* ou *Panerciacistas*, de Delfos. E de quem era igualmente o Juppiter, que os romanos adornarão com formidavel titulo de *Tonante*. Foi seo discipulo Buthyreo, também de Lycia, de que se celebrarão muito os Argonautas, e hum menino assooprando o lume.

Pythagoras natural de Egeio em Italia, e diverso do filósofo do mesmo nome, adquirio grande fama pelo *Panerciacista* que fez em Delfos. Venceo-o porém Leoncio no seo *Astylo*, que era hum

dos centauros que se mostrava em Olympia; e no Apóllo de Thébas tocando cytara, e atravessando com as settas o dragão. Este foi o primeiro, que nas estatuas exprimio nervos e veias, e o que pôz maior cuidado em fingir os cabellos.

Escópas fez o Márte colossál, que em Roma estava sentado de Bruto Galego. A Venus e o Faetonte de Samothracia. O Neptuno, Thetis, e Aquilles do Templo de Domício. Outra Venus que trazida a Roma se collocou no Circo Flamínio, para competir com a de Praxiteles de Gnido, e que alguns querem que seja a mesma que hoje nobilita o Museo dos Medicis em Florença. Elle e Briaxis, com os outros dous estatuarios Timotheo e Leócares, forão os quatro artifices, a quem Artemisia rainha de Caria encarregou da fabrica e lavoires do soberbissimo sepulcro de seo marido *Mausólo*, donde os sepulcros tomarão o nome de *Mausolós*. Tinha de altura vinte e cinco covados, e estava cingido de trinta e seis columnas, tudo de mármore. Escópas tomou á sua conta os altos relevos que ficavão para o Nascente; Briaxis os do Norte; Timotheo os do Meio dia; Leócares os do Poente. Obra de Escópas erão também os relevos de hua das columnas do templo de Diana em Efeso.

Praxiteles natural de Athenas, igualando no bronze os mais insignes, no mármore a si mesmo se excedeo. Elle he que fez desta pédra a celebrada Venus, pela qual todo o Mundo navegava á Ilha de Gnido, a ver a belleza sua. Por élla estúpulara Nicómedes, rey de Bythinia, com os naturáes, que lha ceddessem por huma grande divida, e os homens não quizerão estar pelo partido^(129b). Dêlla se namorou hum moço até o ponto de mostrar que se esquecia, não digo eu que era deosa, mas que era pedra. Fez também de mármore o Cupido de Thespias, depois foi trazida a Roma para as escolas de Octavia^(129c), e outro nu que se venerava na Propontida, igual a Venus de Gnido na nobreza e na injuria. Pois delle se namorou até o mesmo excesso Alphídras de Sirvilio; o Bom Sucesso e a Boa Fortuna, que se vião no Capitolio. Nem forão menos admiradas as suas obras em obras, principal-

(129b) Plínio, VII, 39-2.

(129c) Plínio, XXXVI, 4-11.

mente o rapto de Prosérpina, hum Bacco, hum satyro e hum moço em acção de querer matar a tiro da setta huma lagartixa.

Eufranor fez hum Alexandre Páris, que por milagre da arte se caracterizava a hum mesmo tempo arbitro dos deoses, amante de Helena, e matador de Aquilles. Fez mais a Minerva, que Quinto Cátulo dedicára abaixo do Capitolio, chamada por isso a *Catulliana*; a Latona parida de pouco, com os dous filhos Apóllo e Diana nos braços, o simulacro do bom successo, tendo na direita huma taça, na esquerda huma espiga e huma dormideira, e finalmente os colóssos da Virtude e da Grecia (129 d).

Até aqui não tinham dado os artifices na expressão dos affectos, e pouco na dos cabellos. Estava reservada esta gloria para o grande Lysippo, tãoobem da Sycionia, que foi tãoobem o primeiro, que começou a formar as cabeças mais pequenas, e os corpos mais delgados e seccos, com o que se faz melhor sobressahir a estatura, o que se não percebia tão sensivelmente nas estatuas quadradas dos mais antigos. Dizia Lysippo, que se os predecessores formavão os homens como éráo na realidade, elle como parecião á vista. Não houve estatuario de imaginação mais fértil. Por sua morte se soube, que as suas estatuas em bronze chegavão a seiscentas. El soube-se seo herdeiro, pelo numero certo de moédas, que Lysippo costumava reservar do que lhe davão por cada obra. Fez hum Alexandre Magno com todos os passos da sua vida desde a infancia. Mandou-o Néro dourar, pelo muito que gostava desta estatua. Depois vendo-se que a douradura não deixava lograr bem todos os primores e elegancias da Arte, tirou-se-lhe o ouro; e ainda com as descarnaduras que ficarão, parecia muito mais preciosa. Fez tãoobem a Efestião e a todos os outros amigos de Alexandre, tirados ao natural. Metéllo os trouxe depois todos a Roma, para ornamento do seo pórtico. Nas thérmas de Agrippa se admirava tãoobem outra obra do mesmo Lysippo, que éra hum homem desapertando-se; e qual como Tibério o tirasse dalli para o seo gabinete, forão tantos os queixumes e amores do povo, que o Cezar se vio obrigado a repol-lo no antigo lugar.

Discipulos de Lysippo forão seos tres filhos Lalippo, Béda, e Eutycrates. De Béda erão o Apóllo e a Iuno, que em Roma se vião

no templo de Concordia. Eutycrates imitando admiravelmente a constancia de seo pay, não o seguia na elegancia, querendo distinguir-se mais no genero austéro, do que no engraçado. Porisso exprimio com rara valentia hum Hércules em Delfos; hum Alexandre; huma batalha equestre; as carroças de Medéa; e varias montarias.

Da escola de Eutycrates sabio Thysicrates tãoobem natural de Sycionia, que fez o velho de Thébas, o rey Demetrio e o Pericéstes, que salvára a Alexandre.

De Briaxis gabou-se muito hum Esculapio, hum Bacco, e hum Seleuco. De Silão, de quem Vairão diz que vira de outro mármore (*), huma leoa, e muitos cupidos alados: hũns tendo-a preza; outros obrigando-a a beber de um vaso rustico; outros ferrando-a de sóccos.

(129 d) Plinio, XXXIV, 19-27.

(*) Sic.

CAPÍTULO VI

DA DEDICAÇÃO E RELIGIÃO DAS ESTATUAS. OBSERVAO-SE MUITAS PARTICULARIDADES SOBRE A APOTHEOSE DOS ANTIGOS IMPERADORES E SOBRE O TITULO DIVUS QUE SE LHES ATTRIBUHA.

Sempre que se punha alguma estatua em publico, ou fosse de deoses, ou fosse de heróes, ou fosse de homens illustres, devia este acto ser acompanhado da licença do princepe ou dos seus magistrados, e da assistencia das pessoas graves. E esta função he que se chamava dedicação da estatua. Tibério não queria que se lhe puzessem estatuas, sem elle mesmo ter dado licença para isso ⁽¹³⁰⁾. Se a estatua era de particulaes com muito maior razão de fazia precisa a facultade do princepe. O pri.^o que assim o determinou, foi Caligula ⁽¹³¹⁾. E logo depois delle Claudio ⁽¹³²⁾. E que assim se ficasse observando ahi em diante, he bom testemunho o lugar de Plinio Moço, onde faz menção da licença que se pediu a Trajano para a estatua de Syllano ⁽¹³³⁾. E o outro de Symmaco, que em nome do Senado, e Povo Romano pede a Theodosio Grande, que permitta se ponha estatua a Pretextato. ⁽¹³⁴⁾ O mesmo insinua Claudio no seguinte verso da prefação á *Guerra Gética*:

Annuil tuis Princeps titulum poscenda Senatus.

Porque nesta parte se tinha introduzido alguma relaxação e

⁽¹³⁰⁾ Sueton. in *Tib.* cap. 26.

⁽¹³¹⁾ Sueton. in *Calig.* cap. 34.

⁽¹³²⁾ Dião Cassio Lib. LXI.

⁽¹³³⁾ Plin. Lib. I. *Epist.* 17.

⁽¹³⁴⁾ Symmaco, Lib. X *Epist.* 25.

abuzo, publicação Arcadio e Honório a Ley 1, *De Statuis et Imaginibus*, onde além de huma gravissima multa pecuniaria impoem pena de infamia aos magistrados que, sem licença do princepe, admittissem a honra de se lhes levantarem estatuas de qualquer matéria. Sendo porém levantadas as estatuas em honra do Imperador, tinham já antes ordenado Theodosio e Valentiniano na Ley 2. do mesmo titulo, que o magistrado da terra assistisse a este acto. Por falta desta authoridade publica forão demolidas em Athenas todas as estatuas de Demetria Falereo; em Roma, no tempo da Republica, todas as que se achavam erectas sem licença do Senado ou do Povo.

Não bastava a estatua ser de algum deos, para os particulares se arrogarem a authoridade de as expór ao publico do seu modo proprio. Porque nas materias de religião e de culto externo dos seus nunes, erão os antigos mais do que em nenhuma outra, summamente attentos e zelozos, para não succeder que na Republica se introduzissem nóvos nunes, ou com ritos e ceremonias estranhas se contaminasse a religião patria.

Era esta huma ley inviolavel dos athenienses: *Venerar com hum rito uniforme os deosos e heróes do paiz, seguindo o ceremonial das leys patrias* ⁽¹³⁵⁾. E daqui tirarão os romanos aquelle artigo das Doze Taboas: *Separatim nemo habessit deos*, isto he, que ninguem tivesse deoses proprios, ou separados do commun. E a outra ley, que prescrevia o culto não de quaesquer deoses, mas dos nacionaes, que refere Cicero ⁽¹³⁶⁾. Se bem que Dionysio de Halicarnasso affirma, que a prohibição de ceremonias peregrinas no culto dos deoses vinha já de Romulo; e louva muito os romanos pela sua exacta observancia. Suetonio refere que Augusto como religiosissimo observador dos ritos pátrios, fugira sempre de se contaminar com os das outras nações, que não estivessem ainda recebidos em Roma, como o não estavam os da Céres Attica, de Apis do Egypto, de Moysés da Judéa. Esparciano louva o mesmo em Hadriano. Pelo contrario Claudio intentou introduzir em Roma os Mysterios Eleusinos da Céres Attica ⁽¹³⁷⁾. E Vespasiano quando ainda se achava em vida privada, nenhuma

⁽¹³⁵⁾ Schisull. nas Notas ao Sophisma dos Sigéos. *Antig. Asiat.* pag. 57.

⁽¹³⁶⁾ Cicero *De Legib.* Lib. II. cap. 8. e cap. 10.

⁽¹³⁷⁾ Sueton. in *Claud.* cap. 25.

duvida teve de consultar o oráculo de deos *Carmélio*, sobre que fortuna o esperava ⁽¹³⁸⁾.

He notavel este lugar de Suetonio, pela divindade que attribue ao *Monte Carmélio*, que elle poe na Judéa, devendo dizer entre a Judéa e a Syria, como melhor se explica Tacito. O qual tãobem concorda que o monte e o deos que nelle se adorava ambos se chamavão *Carmélio*; ao mesmo passo que nelle não havia simulacro nem templo algum; mas sómente hum altar e a reverencia do nume. *Est Judeam inter Syriam que Carmelus. Ita vocant Montem Deum que. Nec simulacra Dei, nec templum tradidere maiores; aram tantum et reverentiam* ⁽¹³⁹⁾. Sem saberem de quem fallavão, dêrão a conhecer estes dous escritores ethnicos o verdadeiro Deos, e o culto que elle tinha no *Monte Carmélio*, desde o tempo de Elias e de seos discipulos, como he notorio da Sagrada Historia dos Reys. Deste assumpto há huma erudita dissertação de Gaspar de Mendonça impressa em Anvers no anno de 1698, com este titulo: *Examen Divinitatis, quam in Carmelo Vespasianus consuluit*.

A divindade que os gentios reconhecerão no *Monte Carmélio*, nos faz lembrar da especial religião, com que elles entre as mesmas estatuas e templos dos seos deoses, veneravão e respeitavão mais hums, do que outros. Porque na Grecia entre os templos e simulacros de Juppiter éra o primeiro no culto e reverencia o de Olympia; entre os de Apóllo o de Dêlfos; entre os templos e simulacros de Céres o de Athenas; entre os de Iuno o de Argos. Em Roma quem não sabe que o Capitólio éra o assento mais digno e magestoso do mesmo Juppiter? e que o que nelle se venerava debaixo da invocação de Optimo Maximo, excedia no respeito a todos os mais simulacros? Cicero na oração em que trata das estatuas, que Véres furtára sendo pretor da Sicilia, discorre longamente da especial religião, que a certos lugares conciliavão certos simulacros dos deoses. Entre elles tres de *Juppiter Imperador*, que debaixo desta invocação, e com huma mesma figura êrão os mais famosos do Mundo: hum na Macedonia; outro no Bósforo da Thracia; outro em Saragossa. O primeiro trouxe-o de Macedonia Flamimino, e o collocou no Capitolio, que éra, como

⁽¹³⁸⁾ *Apud Judeam Carmeli Dei oraculum consulentem ita confirmare sortes, etc.* (Suet. in *Vespas.*, cap. 5).

⁽¹³⁹⁾ Tacito *Hist.*, Lib. II, cap. 78.

Cicero se explica, o domicilio de Juppiter na Terra: o segundo depois de tantas guerras e revoluções, se conservava de tempos antiquissimos em suma veneração entre aquelles bárbaros: o terceiro furtou Véres de Sicilia ⁽¹⁴⁰⁾. Na mesma oração observa o príncipe dos oradores o especial culto que na mesma ilha logravão em Saragosa Diana e Minerva; em Agrigento Apóllo; em Catania Cores; em Segesta a Diana, que de Carthago lhe restituira Scipião Africano, como constava do titulo. Observa mais a antiquissima e constantissima persuasão em que vivião os gregos, de que a Sicilia toda estava debaixo da tutela de Céres e de Proserpina, a que éra consagrada. Livio adverte o mesmo das outras duas ilhas de Dêlos e de Samothracia, por cauza de outros deoses, que nellas tinhão seos templos ⁽¹⁴¹⁾.

Tirar dos seos templos para outra parte as estatuas dos deoses privando as do antigo culto que lhes tributavam os naturaes, reputavam gregos e romanos por hum detestavel sacrilégio. Os egypcios como escreve S. Jeronimo sobre o capítulo XI de Daniél, honravão com o titulo de *Evergetes*, que quer dizer *beneficitor*, ao rey Plotomeo, por estes lhes haver restituído os vasos e simulacros sagrados, que Cambyzes tinha levado para a Persia. Cicero honra muito a piedade e religião de Scipião Africano, por ter restituído ás cidades de Sicilia todas as estatuas, que lhes havião roubado os carthagineses ^(141a). Augusto no *Monumento de Ancyra* gloria-se de que todas as estatuas e ornamentos preciosos que Marco Antonio roubára dos templos mais illustres da Európa e da Asia, os fizera elle repór nos seos lugares. Pausanias attribue ao castigo dos deoses a morte violenta de Caligula e de Néro; porque tendo restituído Claudio a Thespius o seo Cupido, que Caligula lhe mandára tirar, Néro o tornou a mandar vir para

⁽¹⁴⁰⁾ Cicero *Verrina* IV. *Iovem autem Imperatorem quanto honore in suo templo fuisse arbitramini. Conticere potestis, si recordari volueritis quanta religione fuerit eadem specie ac forma signum illud quod ex Macedonia captum in Capitolio posuerat T. Flamininus. Etenim tria ferebantur in orbe terrarum signa Iovis Imperatoris uno in genere pulcherrime facta, unum illud Macedonicum, quod in Capitolio vidimus, alterum in Ponti ore et angustiis, tertium quod Syracusis ante Verrem praetorem fuit. Illud Flamininus ita ex aede sua sustulit, ut in Capitolio, hoc est in terrestri domicilio Iovis, poneret. Quod autem est ad introitum Ponti, id quem tam multa ex illo mari bella emergerint, tam multa porro in Pontum invecia sint, usque ad hanc diem integrum inviolatumque servatum est.*

⁽¹⁴¹⁾ Lib. XLIV. cap. 29 e Lib. XLV, cap. 5.

^(141a) Cicero, *Verrina* IV.

Roma ⁽¹⁴²⁾. Dião Cássio attesta, que a não que o mesmo Caligula enviára á Grécia, para trazer o colosso de Juppiter, fora desfeita por hum rayo ⁽¹⁴³⁾.

Como depois dos deoses logravão os principes gregos e romanos o segundo lugar; não he muito, que tãobem as suas estatuas se dedicassem templos, e altares, e sacrificios. Lampridio na *Vida de Alexandre Severo* faz menção do templo, que na cidade de Arcena na Syria tinha Alexandre Magno. Plutárco refere, que os Athenienses não contentes de darem o titulo de *deoses conservadores* aos seus reys Demétrio e Antigonio, extinguirão o magistrado proprio da Republica, que chamavão *arconte*, e substituiram em seo lugar hum sacerdote dos *deoses conservadores* ^(143a). Atheneo menciona os templos, que na ilha de Lemnos consagrão os mesmos athenienses a Seleuco Callinico, e a seo filho Antioco Deos ⁽¹⁴⁴⁾. Ainda hoje se conserva e se lê a inscrição, que no ano 35 da era dos Seleucidas, que coincide com o anno 278 antes da era vulgar, dedicão os sigéos em huma grande pédra ao rey Antioco Soter, na qual se fáz menção do sacerdote do mesmo Rey Antioco ⁽¹⁴⁵⁾.

Entre os romanos foi Julio Cézar o primeiro, que estando vivo, e dentro de Roma, admittio que se lhe tributassem honras divinas, a saber, templos, aras, simulacros entre os deoses, pulvinares ou travessieiros (*), collegios de *Flamines* e sacerdotes, sacrificios perennes ⁽¹⁴⁶⁾. Digo *dentro de Roma*: porque nas provincias permittio as leys a honra dos templos aos proconsules, como Suetonio o observa no mesmo lugar, e como se fáz manifesto das epistolas de Cicero a seo irmão Quinto. Neste caso interpretava o mesmo Cicero, que a mente dos provinciães não era canonizar a pessoa do proconsul, mas as suas virtudes ^(146a).

⁽¹⁴²⁾ Pausan. Lib. IX, cap. 27.

⁽¹⁴³⁾ Torrencio nas notas a Sueton. in *Calig.* cap. 57.

^(143a) Plutarco, in *Demetrio*.

⁽¹⁴⁴⁾ Athen. Lib. VI, cap. 16.

⁽¹⁴⁵⁾ Chisull. *Anig. Asiat.* pág. 50.

(*) *Pulvinar*: «coussin de lit sur lequel on plaçait les statues des dieux pour un festin (un *lectisternium*); lit de parade». (F. Gaffiot, Dictionnaire...). Cf.: Cic. *Dom* 136; *Phil.* 2, 110; *Hor. Od.* 1, 37, 3; *Liv.* 5, 52, 6; *Cic., Cat.* 3, 23; *Liv.* 22, 1, 15.

A rigor, o texto é inexacto: deve ler-se: *Flamines*, colégios de sacerdotes, ...

⁽¹⁴⁶⁾ Sueton. in *Julio*, cap. 76.

^(146a) *In illis urbibus cum summo imperio et potestate versaris, in quibus tuas virtutes consecras, et in deorum numero collocatas vides.* (Cic. *Ad. Q. Fratrem*).

Augusto por evitar talvez a censura e odiosidade, em que seotio incorreo, nunca dentro de Roma quiz templos; e nas provincias só admittio, os que se dedicassem juntamente a Roma ⁽¹⁴⁷⁾. Tal foi o que Cesaréa da Palestina lhe consagrôu a lizonja de Heródes, com a circunstancia de que a estatua de Augusto éra formada á semelhança da de Juppiter Olympico; a de Roma á de Iuno Argiva. O que a diligencia de Casaubon julgou digno de observação na *Historia* de Iozefo ⁽¹⁴⁸⁾. Tal o que lhe dedicou em Pérgamo o commum da Asia, como consta de Tacito ⁽¹⁴⁹⁾. E este por ventura he o que representão as medalhas de Augusto, que acho em Patin com as letras: ROM. ET. AUG. COM. ASI. Tães finalmente as aras, que se lhe erigirão em França, e em Hespanha, segundo se colhe do *Monumento de Aneyra* ⁽¹⁵⁰⁾.

Tibério não consentia que as suas estatuas se collocassem entre as dos deoses, como consagradas; mas sómente nas cazas como ornamento ⁽¹⁵¹⁾. Domiciano não só as consentia mas queria que fossem todas de ouro ou prata, e de certo pezo ⁽¹⁵²⁾. Disto o censurou depois ácremente Plínio o Mago; formando daqui argumento para louvar a religioza modestia de Trajano, que se contentava que as suas se collocassem no vestibulo do Capitolio, e essas de bronze ⁽¹⁵³⁾.

Depois de mortos éráo os templos e collegios dos sacerdotes huma consequencia ordinaria da canonização dos imperadores. A ésta canonização chamavão os gregos *apothcosis*, os latinos *consecratio* ^(153a). A substancia deste acto éra esta: depositado o corpo em hum precioso féretro, éra levado ao lugar da pyra aos hombros da nobreza. Hião adiante os senadores e magistrados sem insignias; a ordem equestre vestida de lucto; a soldadesca com as armas para baixo; o povo repartido nas suas tribus. Recitava-se huma oração funebre, que punha nas nuvens as vir-

⁽¹⁴⁷⁾ Sueton. in *August.* cap. 52.

⁽¹⁴⁸⁾ Casaub. ad Sueton. in *Aug.* cap. 52.

⁽¹⁴⁹⁾ Tacit. *Annal.* Lib. IV, cap. 37.

⁽¹⁵⁰⁾ *Monum. Ancyran.* Taboa II. do lado esquerdo.

⁽¹⁵¹⁾ Sueton. in *Tib.* cap. 26.

⁽¹⁵²⁾ Sueton. in *Dom.* cap. 13.

⁽¹⁵³⁾ Plin. in *Panegy.* cap. 52.

^(153a) Dêla e das suas ceremonias trata copiosamente Herodiano no Livro IV, cap. 2. Dião Cássio na morte de Augusto; Lampridio na de Severo.

tudes e acções do césar; recitava-se o decreto do Senado, que lhe mandava dár honras de deos pelo que fizera; em sinal de sentimento lançava cada hum sobre o corpo as prendas de maior valor, que recebera do defunto, e ainda das suas joias. Mandava logo o Senado aos centuriões, que applicassem os fâchos á pyra. Reduzido o cadaver a cinzas voava de entre as chamas huma aguia, que se cria levar ao Céu a alma do imperador. E deste ponto em diante o intitulação *divo*, e tributavam cultos, e nas funções publicas levarão a sua imagem em andor. Ainda hoje na cupula do arco de Tito se diviza de baixo relevo a sua effigie, como de quem aos hombros de huma aguia vóa para o Céu. O mesmo significa a aguia sobre o sceptro de marfim nas medálhas de Augusto, e de Nero: a ara vaporando fragancias nas de Trajano. Da honra do andor com a imagem do canonizado a que os latinos chamão *mensa*, faz menção Suetonio na *Vida de Julio César* cap. 7, e Capitolino na *Vida de Marco Aurelio* cap. 12.

Consta da *Historia Ecclesiastica*, que Tibério propuzera ao Senado, que se devia canonizar Iezus Christo, crucificado em seo tempo em Ierusalem⁽¹⁵⁴⁾. Lampridio acrescenta que Hadriano intentára o mesmo; e que Alexandre Severo conservava em grande veneração huma sua imagem. Não permittio Deos que tivessem effeito estas apotheeses de seo Filho, para se não cuidar, que do Mundo e dos homens he que elle tinha a Divindade.

Os sacerdotes e flamines, que se consagravão ao culto e serviço dos templos dedicados aos divos imperadores, costumavão ter a denominação delles mesmos; chamando-se v. g. *augustus* os de Augusto, *flavians* os de Vespasiano, *hadrianaes* os de Hadriano, *antonianos* os de Antonio Pio, *marcianos* os de Marco Aurelio. De hums e outros se encontram a cada passo memorias nos escriptores da *Historia Augusta*, e nos antigos mármores, onde também se achão, que he o mais ridiculo, allistadas nestas associações ou collegios, varias sacerdotizas com os mesmos nomes, Como as virgens *faustinianas*, dedicadas ao culto da imperatriz Faustina, de que faz menção Capitolino na *Vida de Marco Aurelio*⁽¹⁵⁵⁾. Porque em obsequio deste imperador declarou o Senado *diva* a sua espoza, não obstante morrer infamada de

⁽¹⁵⁴⁾ Euseb. Lib. II. cap. 2. Tertull. in *Apolog.* cap. 5.

⁽¹⁵⁵⁾ Capitol. in *Marco* cap. 26.

adultera. E isto a exemplo de que já se tinha praticado com Plotina e Matidia, aquella espoza, esta irmã de Trajano; que ambas nas medalhas do mesmo Trajano apparecem tãoobem canonizadas com o titulo de *divas*, como observa Schuvaritze⁽¹⁵⁶⁾.

Os homens sizudos, de entre os mesmos ethnicos não deixavão de conhecer a vaidade das *apotheeses*; e que o titulo de *divo* hum mero nome, ou hũa honra sem substancia. Vespasiano vendose acommettido da ultima doença disse com graça: segundo entendo, desta vez me fazem deos. *Ut puto, deus fio*⁽¹⁵⁷⁾. Bassiano depois de ver morto a seo irmão Gesa, refere Esparciano que dissera: *Sit Divus, dum non sit vivus*: Seja emboira *divo*, tanto que não seja vivo. Sexto Aurelio Victor se lamenta, de que se contassem entre os deoses alguns imperadores que pelos seus vicios erão indignos até de sepultura⁽¹⁵⁸⁾. De entre os christãos he neste particular discretissima e agudissima a reflexão de Minucio Félix. «*Divos* tãoobem são os mais reys, que se consagrão não em fé de alguma divindade, mas por honra do poder que exercitirão. Até aos que o repugnão, se dá este nome. Dezejão conservar-se homens; temem que os fação deoses; e se são velhos, não querem que os fação⁽¹⁵⁹⁾».

Os imperadores christãos contemplarão em seus predecessores o titulo de *divos*, como o de Augustos; isto he, contemplarão-no como titulo de mera ethiqueta, ou de puro ceremonial da Corte. Por isso nenhum reparo fizeram em o conservarem e continuarem aos mais antigos, ainda péssimos, ainda gentios; o que se fáz manifest tanto do código de Theodosio, como do código de Iustiniano^(159 a).

⁽¹⁵⁶⁾ Schwartzc nos Prolegom. ao *Paneg.* de Plinio.

⁽¹⁵⁷⁾ Sueton. in *Vespas.* cap. 23.

⁽¹⁵⁸⁾ Sexto Aurel. *De Caesaribus* cap. 33.

⁽¹⁵⁹⁾ Minucio in *Octavio*. — «*E divi ceteri reges, qui consecrantur non ad fidem numinis sed ad honorem emeritae potestates. Invisis his denique hoc nomen adscribitur: optant in homine perseverare; metuunt se deos fieri, et si tenes sunt, nullunt.*

^(159 a) No primeiro temos a Valentiniano e a Valente dando o tratamento de *Divo* a seo predecessor Iuliano Apóstata na Ley 2. de *Actor, et Procur.* e na Ley 20. de *curso Publ.* Temos a Graciano, Valentiniano, e Theodosio dando-lhe o mesmo titulo de *Divo* na Ley 4. de *Calcis Coctor.* E dando-lhe na Ley 11. de *Namer Actuar.* o titulo de *Divae Memoriae*, que tãoobem lhe derão Arcadio e Honorio na Ley 7. de *Proxim. Comit. Disposit.* No segundo temos os mesmos Valentiniano e Valente dando o titulo de *Divo* a Ioviano na Data da Ley 2. de *Consort. ejusdem Lit.* E a Arcadio e Honorio na Ley 15.

O prefeito Symmaco, quando falla do imperador vivo, costuma dar-lhe o titulo de *Domine Imperator*. Quando falla do imperador já defunto, costuma dar-lhe o titulo de *divus*, como no Livro X. Epist. 47, *Divus Constantinus*; e na Epist. 40, *Divus Genitor vester*; e na Epist. 53, *Divus atque inclitus Gratianus*. Não consta que ou os piíssimos e religiosísimos imperadores Valentiano e Theodosio reprovassem neste ministro seo pagão o uzo de hum formulário gentilicio; ou que algum dos grandes Santos Padres da Igreja que então concoirerão, como Athanasio, Basilio, Chrysos tomo, Ambrosio, Agostinho, Ieronimo, notassem de illicito semelhante uzo. Depois destes tempos o primeiro, em que o acto é reprovado, he S. Prospero no livro *De Dimidio Temporis* cap. 7. Depois no fim do seculo oitavo Carlos Magno, ou quem em seo nome compôz a obra *Contra Synodum Graccorum De Adorandis Imaginibus*, que alguns attribuem a Aleuino, no Livro I. cap. 3. He verdade que S. Athanasio no livro *De Synodis* repreende nos arianos darem o titulo de *eterno* a Constancio; mas he porque ao mesmo tempo o negavão ao Filho de Deos.

Plínio, no seo *Panegyrico*, fallando de Nerva com Trajano diz assim: — «Tibério canonizou a Augusto, mas foi para dar materia ao crime de leza magestade, Néro canonizou a Claudio, mas foi para o illudir; Tito canonizou a Vespasiano, e Domiciano a Tito; mas aquelle o fez para ser respeitado como filho de hum deos; este para ser respeitado como irmão de outro. Vós puzestes no Céu a vósso pay, não para vos haverdes temido dos vassállos; não para irritação dos nunes; não para honra vóssoa, mas sim porque o tendes por deos»⁽¹⁰⁰⁾. Este discurso tem tanto de verdade, como de lizonja. Tem de verdade os fins meramente politicos, porque forão canonizados por seus successores os primeiros cézares. Tem de lizonja o attribuir a Trajano a creença interior, de que Nerva era deos.

De Excusat. min. allegando a seus predecessores deste modo: *Nam et hoc a Divis Principibus imperatum est.* E a Iustiniano na Institura Lib. II. Tit. X. § 17. dizendo: *Tam Divus Hadrianus, quam postea Divi Severus et Antoninus;* e assim em outros lugares.* E na Ley 12. *De Numerar. Actuar.* institulando *Divae memoriae* a Zenão.

⁽¹⁰⁰⁾ *Dicavit coelo Tiberius Augustum, sed ut maiestatis crimen induceret: Claudium Nero, sed ut irrideret: Vespasianum Titus, Titum Domitianus; sed ille ut dei filius, hic ut frater videretur. Tu patrem sideribus inulisti, non ad metum civium, non ibi contumeliam numinum, non ad honorem tuum; sed quia deum credis.* (Plin. *Panegyricus*; Cap. XI).

He porém sobre todas digna de attenção aquella clauzula, em que Plínio com politica sagacidade observa que o fim porque Tibério quiz que Augusto fosse reconhecido deos, foi para com isto munir a sua pessoa contra todo e qualquer attentado dos subditos; e não só a sua pessoa, mas tãobem as suas estatuas. Porque canonizado Augusto, ficavão a pessoa e as estatuas de Tibério sagradas e inviolaveis por dous principios: por imperador, e por filho adoptivo de hum deos. Toda esta extensão dão os homens sabios á mente de Plínio, e á politica de Tibério^(100 a).

Na verdade até ás estatuas dos herões e particulares illustres guardava a Antiguidade summa reverencia. Que seria a respeito das dos princepes, que no nome e titulo de Augusto incluíão o de *santos*? *Sancta vocant Augusta Patres*, disse Ovidio. Valério Maximo refêre, que apportando em Rhódes as estatuas dos dous famosos herões libertadores de Athenas, Harmodio e Aristogitão, que Xerxes levára para a Persia, e que Alexandre ou Seleuco restituira, foi tão grande a honra e reverencia, que como se fossem estatuas de alguns deoses, lhes prepararão em hum decentissimo hospicio os pulvinares ou travesseiros, que êrão do ceremonial religiozo nos templos⁽¹⁰¹⁾. Cicero exaggéra por hum arrojo de Vérres, que junto á estatua de bronze que no senado de Saragossa vinha de tempos antiquísimos Marcos Marcello, puzesse elle huma sua dourada, e outra de seo filho; e qualifica de sacrilégio, que em lugar dos sacrificios que se celebravão em honra de Marcello, instituisse o mesmo Vérres outros em honra sua⁽¹⁰²⁾.

Pelas leys e costumes romanos era crime de leza magestade não só ourinar, mas ainda o despir-se na prezença dos simulacros imperiaes. *Zonares* o adverte na vida de Domiciano. Muito maior crime collocar as estatuas particulares mais altas do que as dos cézares. Da ultima gravidade o derralbas. Por este insulto mandou Teodosio o Grande castigar com pena capital alguns cinco mil pessoas em Tesalonia.

Enganão-se os que se persuadem que as estatuas dos imperadores só êrão asylo para os servos, e não para os livres e ingenuos. Porque a *Historia* de Suetonio nos informa, de que hum filho

^(100 a) *Schwartze*, na nota a este lugar, citando a *Brisson e Gundling*.

⁽¹⁰¹⁾ Val. Max. Lib. II, cap. 10.

⁽¹⁰²⁾ Cicero na *Verrina* II.

de Marco Antonio se refugiára á estatua de Julio César contra as iras de Augusto ⁽¹⁶³⁾. E que Aggripina, nóra de Tibério, se refugiara á estatua de Augusto contra as iras do mesmo sogro ⁽¹⁶⁴⁾. E da *Historia* de Tito Livio o observa *Hottoman* nas Notas á *Verrina II.* que muíro antes se refugiára Decio Magio á estatua de Ptolomeo. He verdade porém, que como pelo decurso dos tempos começou a malicia de alguns a abuzar deste recurso, julgarão alguns imperadores necessario modificar e restringir a certos cazos o seo effeito ^(164 a).

Este respeito tributado ás estatuas não só dos princepes, mas também de quaesquer homens illustres, resume Cicero de hũa certa religião, que os antigos consideravão nas estatuas, para se reverenciarem de hum certo modo, como se todas fossem sagradas ⁽¹⁶⁵⁾. Por isso reduz a hua especie de sacrilegio, que Veires levasse do Prytaneo a Safo de Silanicis — e a Europa de Otranto; não menos que se outro tirasse de Efeso o seo Alexandre; de Cyzico o seo Ajax ou a sua Medea ⁽¹⁶⁶⁾. Pelo contrario celebra por hum acto de religião nos Rhodios, guardarem respeito à estatua de Mithridates, que se conservava na ilha, ao mesmo tempo que a armada deste rey a estava sitiando e accommettendo ⁽¹⁶⁷⁾. E desta religião discorre *Hottoman* que tivera principio o direito dos asylos, de que fallão as leys (*).

Imprima-se, e volte a conferir.

Meza, 3 Outubro de 1776.

Bispo P. Bp.º de L.da Larre.

⁽¹⁶³⁾ Sueton. in *Aug.* cap. 17.

⁽¹⁶⁴⁾ Sueton. in *Tiber.* cap. 53.

^(164 a) O que faz manifesto pelos dous rescriptos de Antonino Pio, que refêrem Ulpiano na Ley 2. D. *De His qui sui vel alieni juris sunt*; e Callistrato na Ley 28. D. *De Poenis*. A que depois acresce a Ley de Valentiniano, Theodosio, e Arcadio, unica do Titulo do Código, *De His qui ad Statuas confugiunt*.

⁽¹⁶⁵⁾ *Apud omnes Graecos hic mos est, ut honorem hominibus habitum in monumentis hujus modi non nulla religione deorum consecratum arbitrentur.* (Cicero, *Verrina II*).

⁽¹⁶⁶⁾ Cicero, *Verrina IV*.

⁽¹⁶⁷⁾ Cicero, *Verrina II*.

(*) O manuscrito termina aqui, bruscamente.